



literatura
livre

O Leviatã

JOSEPH
ROTH

Der Leviathan (1938)
Tradução: Luis S. Krausz

Edição bilingue: POR/GER
Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

O Leviatã

Joseph Roth

Edição bilingue

sesc **mojo**^{org}

O Leviatã

Joseph Roth

Tradução:
Luiz Krausz

Na aldeia de Progrody vivia, antigamente, um mercador de corais conhecido em toda a região como um homem correto, que só lidava com mercadoria confiável e de boa qualidade. As camponesas o procuravam, vindas dos mais remotos vilarejos, sempre que precisavam de um ornamento para uma ocasião especial. Elas poderiam facilmente encontrar outros comerciantes de corais em lugares mais próximos de suas moradas, mas sabiam que, entre eles, somente encontrariam quinquilharias e bijuterias. Por isso, às vezes, percorriam muitas verstas¹ em suas carroças pequenas e barulhentas até Progrody em busca do famoso mercador de corais Nissen Piczenik.

Elas costumavam vir durante os dias da grande feira anual. Segunda-feira era o dia da venda dos cavalos; quinta, dos porcos. Os homens observavam e examinavam os animais; as mulheres andavam em pequenos grupos desordenados, descalças, levando

1 Medida de distância russa equivalente a 1,06 km.

suas botinas dependuradas nos ombros e com seus lenços de cabeça que brilhavam até mesmo nos dias cinzentos. Todas entravam na casa de Nissen Piczenik. As solas duras e nuas de seus pés ressoavam baques surdos e alegres sobre as tábuas ocas da calçada de madeira e o assoalho do alpendre grande e fresco da velha casa onde vivia o comerciante. Deste alpendre, coberto por um arco, passava-se para um pátio interno, muito silencioso, onde vicejavam, em meio ao calçamento irregular de pedras, musgos delicados e onde brotavam, durante os meses de calor, folhinhas de grama. Ali, as amistosas galinhas de Piczenik vinham ao encontro das camponesas, precedidas pelos galos e suas cristas orgulhosas, vermelhas como o mais vermelho dos corais.

Era preciso bater três vezes na porta de ferro, da qual pendia uma aldrava também de ferro. E então Piczenik abria uma pequena portinhola na porta de ferro, olhava para as pessoas que pediam para entrar, empurrava a tranca e deixava passar as camponesas. Ele costumava dar esmolas aos mendigos, aos cantores itinerantes, aos ciganos e aos homens que conduziam ursos amestrados por esta mesma portinhola. Era preciso tomar cuidado, pois sobre todas as mesas que havia em sua ampla cozinha, assim como em sua sala, encontravam-se os preciosos corais, em montes pequenos, médios e grandes: diferentes tipos e espécies de corais, misturados uns

aos outros ou já separados, conforme suas características e cores. Piczenik sabia que não tinha dez olhos, com os quais poderia observar os planos de cada mendigo, e que a pobreza tem uma força irresistível, capaz de conduzir facilmente ao pecado. É verdade que, às vezes, camponesas a quem nada faltava também o roubavam. Pois as mulheres com facilidade se rendem ao desejo de apropriar-se, de maneira secreta e perigosa, de ornamentos que conseguiriam comprar com toda a tranquilidade. Mas, quando se tratava de clientes, o comerciante fazia vista grossa. Provisões para se ressarcir de um ou de outro furto já estavam incluídas nos cálculos que determinavam o preço de sua mercadoria.

Ele empregava nada menos do que dez moças, cuja tarefa era passar os corais por fios. Eram jovens e bonitas, com olhos firmes e mãos delicadas. Permaneciam sentadas junto a uma mesa comprida, em duas fileiras, e com delicadas agulhas pescavam os corais. Assim surgiam os lindos e bem proporcionados colares: nas extremidades se encontravam os corais menores; no meio, os médios; e no centro os maiores e os mais brilhantes. Enquanto trabalhavam, as moças cantavam em coro. Durante o verão, em dias quentes e ensolarados de céu azul, aquela mesa comprida, junto à qual as moças se sentavam para passar os corais pelos fios, era colocada no pátio e seus cânticos estivais eram ouvidos por toda a aldeia,

sobrepondo-se ao das cotovias, que esvoaçavam pelo céu, e ao dos grilos nos jardins.

Existem mais tipos de corais do que imaginam as pessoas que só conhecem os corais das vitrines de lojas. Há, primeiramente, corais lapidados e corais brutos. Além disso, há corais com cortes retos nas extremidades e outros com cortes arredondados; corais em forma de espinhos ou de bastonetes, que se parecem com arame farpado; corais amarelados e reluzentes; corais de tonalidade vermelha e esbranquiçada, cuja cor se parece com a das bordas superiores das pétalas de rosas chinesas; corais rosa-amarelados, cor-de-rosa, cor de tijolo, cor de rubi, cor de azinhavre e, por fim, corais que se parecem com gotas de sangue congeladas. Há corais esféricos e semiesféricos; corais que se parecem com barris em miniatura e outros que se parecem com minúsculos cilindros; há corais retos e tortos e até mesmo corais corcundas. Há estrelas, espinhos, pontas, flores. Pois os corais são as mais nobres plantas que existem nas profundezas dos oceanos, são rosas para as volúveis deusas dos mares, tão abundantes em formas e em cores quanto são diversos os humores dessas deusas.

Como se vê, Nissen Piczenik não tinha uma loja. Ele conduzia os negócios em sua própria casa, isto é, ele vivia com os corais, noite e dia, verão e inverno. Como as janelas

da sala e da cozinha se abriam para o pátio interno e eram protegidas por grossas grades de ferro, imperava na casa uma penumbra bela e misteriosa, que lembrava as profundezas do mar. Era como se os corais brotassem dali e não fossem apenas vendidos ali. Sim, graças a um capricho especial e deliberado da natureza, Nissen Piczenik, o mercador de corais, era um judeu ruivo, cujo cavanhaque cor de cobre lembrava uma espécie de alga vermelha, o que emprestava àquele homem uma semelhança notável com alguma divindade marinha. Era como se ele mesmo plantasse ou criasse os corais com os quais lidava. Ele e suas mercadorias se pareciam tanto que, na aldeia de Progrody, já não era conhecido por seu nome, que com o passar do tempo acabou esquecido, mas sim por seu ofício. Dizia-se, por exemplo: “Aí vem o mercador de corais”. Era como se, no mundo inteiro, não houvesse nenhum outro mercador de corais a não ser ele.

De fato, Nissen Piczenik tinha uma ternura familiar pelos corais. Totalmente alheio às ciências e analfabeto — nunca frequentara uma escola e só com muita dificuldade era capaz de desenhar as letras de seu nome —, ele vivia convicto de que os corais não eram plantas e sim seres vivos, uma espécie de minúsculos animais marinhos vermelhos. Não havia professor de oceanografia capaz de convencê-lo do contrário. Sim, para Nissen Piczenik os corais continua-

vam vivos mesmo depois de serrados, cortados, lapidados, selecionados e postos em fios. Pois ele via com seus próprios olhos como os colares de corais avermelhados aos poucos começavam a empalidecer quando colocados sobre o peito de mulheres doentes ou doentias, enquanto mantinham seu brilho quando sobre o peito de mulheres saudáveis. No decorrer de seus muitos anos de exercício do ofício de mercador de corais, ele frequentemente observara que corais vermelhos empalideciam cada vez mais enquanto permaneciam em seus armários, mas que, subitamente, começavam a brilhar quando pendurados no pescoço de uma camponesa bonita, jovem e sadia, como se eles se alimentassem do sangue das mulheres. Às vezes, eram-lhe oferecidos colares de corais para recompra. Piczenik reconhecia no ato aquelas preciosidades, que ele mesmo transformara em colares e das quais cuidara. E, imediatamente, era capaz de dizer se aqueles corais tinham sido usados por uma mulher saudável ou por uma mulher doente.

Ele tinha uma teoria particular e toda especial a respeito dos corais. Em sua opinião, como já mencionado, eles eram animais marinhos que só se faziam passar por plantas e por árvores em razão de certa modéstia e de certa astúcia, para assim escaparem dos ataques e da voracidade dos tubarões. Os corais, segundo ele acreditava, desejavam ser colhidos

pelos mergulhadores; desejavam ser levados à superfície da terra, cortados, lapidados e colocados em fios para, então, finalmente, servirem ao propósito de suas existências, isto é, tornarem-se ornamentos de belas camponesas. Só então, junto às gargantas brancas e firmes das mulheres, em convívio íntimo com suas jugulares, as irmãs dos corações das mulheres, eles reviviam, ganhavam brilho e beleza, e passavam a exercer seu feitiço inato, atraindo os homens e despertando seu amor. É verdade que o velho Deus Jeová criara tudo quanto existe, a terra e seus animais, os mares e todas suas criaturas. Mas o Leviatã, que circulava pelas profundezas de todos os mares, fora designado pelo próprio Deus para exercer, durante um tempo, isto é, até o dia da chegada do Messias, a guarda sobre todos os animais e sobre todas as criaturas do oceano e, em especial, sobre os corais.

Depois de tudo o que foi narrado aqui, poderia parecer que o comerciante Nissen Piczenik fosse conhecido como uma espécie de excêntrico. Mas isto não corresponde, de maneira nenhuma, à realidade. Piczenik vivia na aldeia de Progrody como um homem modesto e discreto, cujas histórias a respeito dos corais e do Leviatã eram levadas muito a sério, como informações de um profissional que certamente entendia tudo sobre seu ofício. Acreditava-se que seu conhecimento fosse como o do comerciante de

tecidos, capaz de distinguir os tecidos de Manchester do percal alemão, ou o comerciante de chá capaz de distinguir o chá russo da famosa marca Popoff de chá inglês, fornecido pela igualmente famosa firma Lipton de Londres. Todos os habitantes de Progrody e da região estavam convictos de que os corais eram animais vivos, cujo comportamento e desenvolvimento nas profundezas do mar eram vigiados pelo gigantesco peixe Leviatã. Não podia haver nenhuma dúvida a esse respeito, pois aquilo tinha sido contado pelo próprio Nissen Piczenik.

As belas moças com frequência trabalhavam até tarde da noite, muitas vezes até a meia-noite, na casa de Nissen Piczenik. Depois que saíam, o próprio comerciante passava a ocupar-se com suas pedras, isto é, com seus animais. Primeiro, verificava os colares feitos pelas moças. Em seguida, contava os montinhos com os corais ordenados segundo suas raças e tamanhos. Já os montinhos que ainda não tinham sido ordenados, ele mesmo começava a separá-los, a senti-los, a alisá-los e a acariciá-los com seus dedos fortes e sensíveis cobertos de pelos avermelhados. Havia corais que pareciam estar bichados, pois apresentavam buracos em lugares absolutamente inúteis. Nesses casos, o negligente Leviatã não tomara o cuidado necessário. E para reparar o dano, Nissen Piczenik acendia uma vela, segurava um pedaço

de cera vermelha sobre a chama, até ficar quente e líquida, e, usando uma agulha fina, cuja ponta tinha sido mergulhada na cera derretida, tapava o buraco que o verme fizera na pedra. Enquanto isso, balançava a cabeça, como se não fosse capaz de compreender como um deus tão poderoso quanto Jeová poderia ter sido capaz de deixar os corais aos cuidados de um peixe tão frívolo quanto Leviatã.

Às vezes, pelo puro prazer de lidar com as pedras, ele mesmo passava a noite em claro, colocando os corais em fios até o raiar do sol, quando chegava a hora das preces matinais. Aquele trabalho não o cansava, em absoluto. Ele não sentia nenhum tipo de fraqueza. Sua mulher ainda dormia debaixo das cobertas. Ele a olhava, rapidamente, com indiferença. Ele não a odiava nem tampouco a amava. Ela era uma das muitas mulheres que trabalhavam para ele, colocando os corais em fios, e era menos bonita e atraente que a maior parte delas. Estavam casados já há dez anos e ela não lhe dera filhos — muito embora esse fosse seu único dever. Ele precisaria de uma mulher fértil, fértil como o oceano, em cujas profundezas cresciam os corais. Mas sua mulher era um lago seco. Que ela dormisse, sozinha, quantas noites quisesse! A lei religiosa teria lhe permitido separar-se dela. Mas, com o passar do tempo, ele se tornara indiferente às mulheres e indiferente às crianças. Amava os corais e em seu

coração havia uma vaga saudade que ele não ousava denominar: Nissen Piczenik, nascido e criado no mais profundo interior, ansiava pelo mar.

Sim, ele ansiava pelo mar, em cujas profundezas os corais crescem, ou melhor, se agitam, segundo acreditava. Não havia, em parte alguma, alguém com quem pudesse falar a respeito dessa saudade. Ele era forçado a levá-la guardada dentro de si, assim como o mar leva os corais dentro de si. Ele ouvira falar de navios, de mergulhadores, de capitães, de marinheiros. Os corais lhe chegavam em caixotes bem embalados, ainda impregnados com o cheiro do mar. Vinham de Odessa, de Hamburgo ou de Trieste. O escriba público, no correio, cuidava de sua correspondência comercial. Ele observava atentamente os selos coloridos que vinham de longe, nos envelopes de seus fornecedores, antes de jogá-los fora. Nunca em sua vida ele tinha saído de Progrody. Naquela aldeia não havia rio, nem mesmo um laguinho. Apenas pântanos em toda sua volta, nos quais se ouvia a água murmurando sob a superfície verde sem, no entanto, jamais vê-la. Nissen Piczenik imaginava que houvesse alguma ligação secreta entre as águas ocultas dos pântanos e as águas gigantescas dos grandes mares — e que nas profundezas dos pântanos também pudesse haver corais. Ele sabia que, se um dia falasse sobre essa sua ideia, tornar-se-ia alvo do riso de toda a aldeia.

Por isso, calava. Às vezes, sonhava que o grande mar — ele não sabia qual mar, pois nunca tinha visto um mapa e todos os mares do mundo eram, para ele, simplesmente o mar —, um dia, haveria de inundar a Rússia, e justamente aquela parte da Rússia onde ele vivia. Então o mar, que ele nunca esperava alcançar, viria até ele, gigantesco e desconhecido, com o incomensurável Leviatã em suas profundezas e com todos os seus mistérios doces, selvagens e salgados.

O caminho da aldeia de Progrody até a pequena estação, à qual apenas três vezes por semana chegavam trens, passava pelos pântanos. E sempre, mesmo quando Nissen não estivesse esperando remessas de corais — inclusive nos dias em que não passavam trens — ele se dirigia à estação, isto é, aos pântanos. Permanecia uma hora ou mais às margens da água e ouvia o coaxar dos sapos com atenção. Parecia que eles eram capazes de lhe contar como era a vida nas profundezas dos pântanos. Às vezes, realmente acreditava ouvir toda a sorte de histórias. No inverno, quando os pântanos congelavam, ele ousava colocar um pé sobre a crosta de gelo, o que lhe proporcionava um prazer todo especial. No odor pútrido do pântano ele imaginava reconhecer o cheiro selvagem do grande mar. O sussurrar suave e frágil das águas subterrâneas transformava-se, para seus ouvidos sensíveis, no rugir das gigantescas ondas azuis-esverdeadas.

Contudo, na aldeia de Progrody ninguém sabia o que se passava na alma do mercador de corais. Todos os judeus o viam como um igual. Este lidava com tecidos; aquele, com querosene; um vendia xales de oração; outro, velas e sabão; outro ainda trabalhava com lenços de cabeça para as camponesas e canivetes; um ensinava as crianças a rezar; outro, a fazer contas; e havia aquele que lidava com cerveja, milho e favas cozidas. E todos eles consideravam Nissen Piczenik um igual que lidava com corais. Ainda assim, como se vê, ele era alguém muito especial.

II

Piczenik tinha clientes ricos e clientes pobres, tinha clientes permanentes e clientes ocasionais. Entre seus clientes ricos estavam dois camponeses da região. Um deles chamava-se Timon Semionovitch. Plantava lúpulo e, todos os anos, quando vinham os representantes comerciais de Nuremberg, Saaz e Judenburg, ele fazia uma série de bons negócios. O outro camponês chamava-se Nikita Ivanovitch. Ele criara nada menos que oito filhas e todas se casaram, uma depois da outra. Portanto, cada uma delas precisava de corais. As filhas casadas — até agora eram quatro — mal tinham se passado dois meses do casamento, já davam à luz crianças — novamente meninas — as quais também precisavam de corais, mesmo sendo bebês, para afastar o mau-olhado. Os membros dessas duas famílias eram os melhores clientes da casa de Nissen Piczenik. Para as filhas desses dois camponeses, seus netos e seus genros, o comerciante tinha sempre uma boa aguardente guardada no armário — que ele mesmo destilava, aromatizada com for-

migas, cogumelos secos, salsa e genciana. Os outros, clientes comuns, davam-se por satisfeitos com uma vodca qualquer comprada. Isso porque em toda aquela região não se fechava um negócio sem brindar. O comprador e o vendedor bebiam para que o negócio trouxesse lucros e bênçãos para os dois. Havia também grandes quantidades de tabaco guardadas sobre os peitoris das janelas da morada do mercador de corais, cobertas com papel de mata-borrão úmido, para permanecer fresco. Os clientes não vinham à loja de Nissen Piczenik como pessoas comuns que simplesmente compram, pagam e saem, mas sim como seus hóspedes de Nissen Piczenik. Ele oferecia bebidas, tabaco e às vezes até comida. A mulher do comerciante preparava *kasche*² com cebolas, *borscht*³ com creme de leite, maçãs assadas, batatas e, no outono, castanhas. Assim, os clientes não eram simplesmente clientes, mas visitas na casa de Piczenik. Às vezes, enquanto procuravam os corais apropriados, as camponesas se juntavam ao coro das moças que colocavam os corais em fios e todas cantavam juntas. Até Nissen Piczenik cantarolava e sua mulher, diante do fogão, girava a colher ao ritmo da música. Quando os camponeses chegavam do mercado ou da taverna para buscar

2 Mingau de trigo sarraceno.

3 Sopa de beterraba.

suas mulheres e pagar pelas compras, o mercador de corais também bebia aguardente ou chá, ou fumava um cigarro em companhia deles. E cada um de seus antigos clientes o beijava como quem beija seu próprio irmão.

Pois quando se bebe, todos os homens bons e corretos tornam-se nossos irmãos e todas as mulheres de bom coração, nossas irmãs — e não há nenhum tipo de diferença entre camponês e comerciante, judeu e cristão. E aí de quem afirmar o contrário!

III

A Certo dia, o filho do comerciante de flanelas Alexander Komrower, que três anos antes fora convocado pelo serviço militar e encaminhado para a marinha, voltou para sua casa para um curto período de férias. Mal o mercador de corais ouviu falar da volta do jovem Komrower, dirigiu-se à sua casa e passou a interrogar o marujo a respeito de todos os mistérios dos navios, da água e dos ventos. Enquanto todos em Progrody estavam convictos de que o jovem Komrower só tinha se deixado arrastar para os perigos do oceano em razão de sua estupidez, o mercador de corais o considerava um jovem de muita sorte, a quem fora concedida a honra e a felicidade de tornar-se, de certa forma, íntimo dos corais. Sim, um parente dos corais. E assim via-se Nissen Piczenik, com seus quarenta e cinco anos, andando por horas a fio e de braços dados pelo mercado da cidade com o jovem Komrower, de vinte e dois. “O que ele quer de Komrower?”, todos se perguntavam. “O que ele quer de mim?”, perguntava-se também o jovem.

Durante todo o período de férias do rapaz em Progrody, o mercador de corais quase não o deixava em paz. As perguntas que o mais velho dirigia ao mais jovem pareciam estranhas. Por exemplo:

— É possível enxergar o fundo do mar por meio de uma luneta?

— Não — respondia o marujo. — Com uma luneta só se pode olhar para longe, não para o fundo.

— É possível — continuava a perguntar Nissen Piczenik —, quando se é marinheiro, deixar-se levar até o fundo do mar?

— Não — dizia o jovem Komrower —, só quando alguém se afoga chega ao fundo do mar.

— Nem mesmo o capitão pode fazer isso?

— Nem mesmo o capitão.

— Você já viu um mergulhador?

— Algumas vezes — dizia o marujo.

— Os animais e as plantas do fundo do mar sobem, às vezes, até a superfície?

— Só os peixes e as baleias, que na verdade não são peixes.

— Descreva o mar para mim — dizia Nissen Piczenik.

— Ele é cheio de água — respondia o marujo Komrower.

— E ele é tão grande quanto um grande pedaço de terra, quanto uma planície, por exemplo, sobre a qual não há nem uma casa?

— Sim, e ainda maior! — dizia o jovem marujo. — É como o senhor diz, uma vasta planície, e aqui e ali vê-se uma casa, mas isto é muito raro, e não se trata de uma casa, e sim de um navio.

— Onde foi que você viu mergulhadores?

— Na marinha temos mergulhadores — dizia o jovem, — mas eles não mergulham em busca de pérolas ou de ostras ou de corais, mas como um exercício militar. Por exemplo, para o caso do naufrágio de um navio de guerra. Pois, em um caso assim, seria preciso mergulhar para recuperar instrumentos preciosos ou armas.

— Quantos mares existem no mundo?

— Isto eu não sou capaz de lhe dizer — respondeu-lhe o marujo. — É verdade que aprendemos sobre isto, em nossas aulas, mas eu não prestei atenção. Eu só conheço o mar do Norte, o mar Báltico, o mar Negro e o grande oceano.

— Qual mar é o mais profundo?

— Não sei.

— Onde se encontra a maior parte dos corais?

— Também não sei.

— Hmm, hmm — fazia o mercador de corais Piczenik.

— Uma pena que você não saiba.

Nas margens da aldeia, onde os casebres de Progrady se tornavam cada vez mais raros, até desaparecerem

completamente, e onde começava a estrada longa e esburacada que levava até a estação de trens, encontrava-se a taverna de Podgorzew, uma casa de má fama frequentada por camponeses, diaristas, soldados, pessoas frívolas e rapazes imprestáveis. Certo dia, o mercador de corais Piczenik foi visto entrando ali junto com o marujo Komrower. Serviram-lhes um hidromel⁴ forte, vermelho escuro, e ervilhas salgadas.

— Beba, meu jovem! Beba e coma, meu jovem! — disse Nissen Piczenik ao marujo, em um tom paternal.

Este bebeu e comeu diligentemente, pois, ainda que fosse muito jovem, já tinha aprendido algo nos portos por onde passara. Após o hidromel, serviram-lhe um vinho ruim e ácido, e ainda depois do vinho, uma aguardente de noventa por cento de teor alcoólico. Enquanto bebia o hidromel, o marujo permanecia em silêncio, de maneira que o mercador de corais recebeu nunca mais ouvir uma única palavra dele a respeito dos mares, talvez seus conhecimentos simplesmente tivessem se esgotado. Porém, depois do vinho, o jovem Komrower passou a conversar com o estalajadeiro Podgorzew e, quando a aguardente lhe foi servida, ele se pôs a cantar em voz alta uma canção depois da outra, como convém a um marujo.

4 No original, *Met*, bebida fermentada feita à base de água e mel.

— Você também é da nossa querida aldeia? — perguntou-lhe o estalajadeiro.

— Certamente, sou um filho da sua aldeia. Da minha... da nossa querida aldeia — disse o marujo, como se não fosse o filho do judeu gordocho Komrower e sim um jovem camponês.

Alguns ladrões e bandidos se sentaram à mesa, ao lado de Nissen Piczenik e do marujo, e quando o jovem viu aquele público, sentiu-se preenchido por um estranho orgulho, um orgulho do qual ele imaginava que só os oficiais da marinha poderiam tê-lo. E ele exortou os jovens à sua volta:

— Perguntem, crianças, perguntem! Posso responder a todas as suas perguntas. Vejam, este tio aqui, vocês o conhecem bem, ele é o melhor mercador de corais em toda a região, e eu já contei muitas histórias a ele!

Nissen Piczenik assentiu com a cabeça. E como ele não se sentia bem na companhia daqueles estranhos, tomou um copo de hidromel e mais um em seguida. Aos poucos, todos aqueles rostos suspeitos, que até então ele apenas avistara por meio de um buraco na porta, começaram a lhe parecer tão humanos quanto o seu próprio. Entretanto, como a cautela e a desconfiança estavam profundamente arraigadas em seu peito, ele foi ao quintal e escondeu seu saquinho de moedas de prata no interior de sua boina, deixando apenas

umas poucas moedas avulsas soltas no bolso. Satisfeito com a sua ideia e com a pressão tranquilizadora que o saquinho de moedas fazia entre a boina e seu crânio, voltou à mesa.

Ainda assim, confessou a si mesmo que não sabia por que e nem para que estava sentado ali na taverna, com o marinheiro e com todos aqueles sujeitos esquisitos. Se até a chegada do marujo, e até aquele instante, ele passara sua vida inteira de maneira regrada e discreta, sem jamais ter revelado a ninguém seu amor secreto pelos corais e pelo lar dos corais, o oceano, agora acontecia algo que assustava muito a Nissen Piczenik. Ele, que nunca estivera acostumado a pensar por meio de imagens, imaginou, naquele instante, que seu anseio secreto pelas águas e por tudo o que vivia e acontecia lá subitamente emergia, alcançando a superfície de sua própria vida, assim como um animal raro e precioso que, habituado a seu lugar no fundo do mar, sobe à superfície por alguma razão desconhecida. Talvez o hidromel, que o mercador de corais não estava acostumado a beber, e sua imaginação, exaltada pelas histórias do marujo, tivessem despertado esta imagem em seu íntimo. Admirado, ele se assustou com as ideias insensatas que lhe ocorreram e principalmente por ter sido capaz de sentar-se a uma mesa de taverna em companhia de sujeitos grosseiros como aqueles.

O espanto e a admiração ocorriam, igualmente, sob a superfície de sua consciência. Enquanto isso, ele ouvia com muita atenção as narrativas fabulosas do marujo Komrower. “Em que navio você serve?”, perguntaram-lhe seus companheiros de mesa. Ele pensou por alguns instantes — seu navio tinha o nome de um almirante conhecido do século 19, mas, naquele momento, aquele nome lhe parecia tão comum quanto o seu próprio, e Komrower estava decidido a impressionar seus ouvintes, de maneira que disse:

— Meu encouraçado chama-se “Mãe Catarina”. E vocês sabem quem foi ela? Naturalmente não sabem, por isto eu vou lhes contar. Catarina era a mulher mais linda e mais rica de toda a Rússia. Certo dia, por essa razão, o czar casou-se com ela, no Kremlin, em Moscou, e imediatamente a levou em um trenó. Era inverno e fazia quarenta graus negativos. O trenó era puxado por seis cavalos que seguiram diretamente para Zarskoie Selo.⁵ Atrás deles seguia todo o séquito, em trenós, tão numeroso que a estrada inteira foi tomada por um

5 Zarskoie Selo, ou Tsarskoe Selo, significa em russo algo como “a vila do Czares”. Foi a antiga residência imperial da família Romanov, na atual cidade de Pushkin, em São Petersburgo, Rússia. Lá, na parte central da majestosa construção, fica o famoso Palácio de Catarina, considerado hoje um dos mais esplêndidos exemplos do barroco russo. Atualmente, Zarskoie Selo é um conjunto de palácios, parques e museus.

congestionamento imenso que durou três dias e três noites. Uma semana depois desse esplêndido casamento, o injusto e violento rei da Suécia chegou a Petersburgo, com seus ridículos navios caindo aos pedaços, mas que traziam muitos soldados, pois em terra os suecos são muito corajosos. Esse sueco não queria nada menos que conquistar a Rússia. Ao saber da invasão, a czarina Catarina imediatamente embarcou em um navio: justamente o encouraçado no qual eu sirvo. E com suas próprias mãos atirou contra os estúpidos navios do rei da Suécia, levando-os a pique. E ao rei ela lançou um salva-vidas e, em seguida, o aprisionou. Mandou que lhe arrancassem os olhos, os quais foram comidos por ela, com isso ela se tornou ainda mais astuta do que já era. E quanto ao rei sem olhos, ela o despachou para a Sibéria.

— Ai, ai — disse um dos homens grosseiros, coçando a cabeça —, com a melhor das boas vontades, não tenho como acreditar nessa história.

— Se disser isso mais uma vez — retrucou o marujo Komrower —, você terá ofendido a Marinha Imperial Russa e serei obrigado a abatê-lo com minha arma. Por isso, saiba que isto me foi ensinado em nossas aulas e que quem contou essa história foi o nosso honorável Capitão Woroschenko em pessoa.

Continuaram a beber hidromel e aguardente. Ao final, o mercador de corais Nissen Piczenik pagou a conta. Ele

também bebera, porém não tanto como os outros. Quando saiu de braços dados com o jovem marujo Komrower, pareceu-lhe que no meio da rua corria um rio, que suas ondas subiam e baixavam, que as lamparinas de querosene eram faróis, tão poderosas que ele precisava segurar-se com força na amurada para não cair na água. O jovem balançava terrivelmente. Durante sua vida inteira, praticamente desde a infância, Nissen Piczenik rezara, a cada anoitecer, as orações certas: uma que precisa ser rezada ao entardecer; outra que saúda a chegada da noite. Hoje, pela primeira vez em sua vida, ele perdera a hora das orações. Do céu, as estrelas lançavam sobre ele sua reprovação reluzente e o mercador de corais não ousava erguer o olhar. Em casa, sua mulher o aguardava com o jantar costumeiro: rabanetes com pepinos e cebolas, um pão com gordura de galinha, um copo de cerveja e um chá quente. Ele estava mais envergonhado consigo mesmo do que diante dos outros. Conforme caminhava daquele jeito, com o jovem corpulento tropeçando e dependurado em seu braço, sentia-se como se ele, o mercador de corais Nissen Piczenik, se encontrasse consigo mesmo e que um Nissen Piczenik estivesse rindo da cara do outro. Além disso, ele tentou evitar, durante todo aquele trajeto, encontrar outras pessoas. E conseguiu. Acompanhou o jovem Komrower até a casa dele, deixou-o no aposento onde estavam sentados seus pais e dissera:

— Não se enfureçam comigo, eu estava com ele na taverna e ele bebeu um pouco.

— O senhor, Nissen Piczenik, estava com ele na taverna? — perguntou o velho Komrower.

— Sim, estava! — disse Piczenik. — Boa noite! — E foi para casa. Todas as lindas moças que colocavam os corais nos fios ainda estavam sentadas junto às quatro mesas compridas, cantando e pescando corais com agulhas finíssimas em suas mãos delicadas.

— Dê-me logo o chá — disse Nissen Piczenik à sua mulher. — Preciso trabalhar.

E ele sorveu o chá e, enquanto seus dedos quentes escavavam os montes de corais ainda não selecionados, revirando em meio ao seu frescor rosado e benigno, seu pobre coração percorria as vastas e ruidosas estradas dos gigantescos oceanos.

E dentro de seu crânio ardia um ruidoso incêndio. Ainda assim, cuidadosamente, tirou da boina o saquinho de moedas e voltou a escondê-lo no peito.

IV

Aproximava-se o dia no qual o marujo Komrower voltaria ao seu encouraçado, ancorado em Odessa — e o mercador de corais sentia uma dor, uma tristeza e uma angústia em seu coração. Em toda a aldeia de Prorody, o jovem Komrower era o único marujo, e só Deus sabia quando ele voltaria a ter férias. Depois de sua partida, não haveria ninguém em toda aquela região capaz de lhe contar algo a respeito das águas do mundo, a menos que, por acaso, fosse publicada alguma notícia nos jornais.

O verão chegava ao fim. Aliás, tinha sido um verão de tempo bom, sem nuvens nem chuvas, sempre revitalizado e fresco pelo vento terno e suave que soprava das planícies da Volínia⁶. Dentro de mais duas semanas começaria a colheita e, nos dias de mercado, os camponeses dos vilarejos já não

6 Atualmente uma região do noroeste da Ucrânia, foi território polonês (1569-1793) e russo até a Primeira Guerra Mundial, quando foi dividida entre Polônia e Rússia. Após o final da Segunda Guerra passou a fazer parte da antiga Ucrânia, que então pertencia à União Soviética.

viriam mais comprar corais com Nissen Piczenik. Aquelas semanas eram a alta temporada dos corais. Durante esse período, as clientes costumavam vir em bandos, aos montes, e as moças que colocavam os corais nos fios mal davam conta do trabalho. Passavam noites inteiras escolhendo corais e colocando-os nos fios. Nos lindos fins de tarde, quando o sol poente despedia-se através das janelas gradeadas da morada de Nissen Piczenik — e os corais de todos os tipos e cores, animados por aquele brilho ao mesmo tempo saudoso e consolador, reluziam, como se cada uma daquelas pedrinhas levasse no interior de suas cavidades uma luz minúscula —, os camponeses chegavam, alegres, para apanhar as camponesas, com seus lenços azuis ou avermelhados cheios de moedas de prata e de cobre, calçando botas pesadas, com cravos, que rangiam sobre as pedras do pátio. Os camponeses saudavam Nissen Piczenik com abraços e beijos, em meio a risos e choro, como se reencontrassem, depois de décadas, um amigo de quem sentiam muita falta. Eles lhe queriam bem, até gostavam dele; esse judeu ruivo, quieto, alto e magro, com seus fiéis olhinhos azuis de porcelana, às vezes tão sonhadores, nos quais habitava a honestidade, a retidão no comércio, a astúcia profissional e, ao mesmo tempo, a tolice de um homem que nunca deixara a aldeia de Prorody. Não era fácil lidar com os camponeses. Pois ainda

que conhecessem o mercador de corais e soubessem que ele era um dos raros comerciantes honestos da região, sempre se lembravam de que era um judeu. E barganhar era algo que lhes proporcionava certo prazer. Primeiro, sentavam-se nas cadeiras, no divã, nas duas camas de madeira do casal, cobertas com almofadas espessas. Havia, também, alguns que se deitavam na cama, no sofá ou no chão, ainda com suas botas calçadas, sujas de lama cinzenta. Dos grandes bolsos de suas calças de linho grosseiro ou dos peitoris das janelas eles apanhavam punhados de tabaco, rasgavam as bordas brancas de velhas folhas de jornal espalhadas pela casa de Piczenik e enrolavam seus cigarros — até mesmo os mais ricos entre eles consideravam o papel de cigarros um luxo. Uma fumaça espessa e azulada, de tabaco barato e de papel grosseiro, preenchia a morada do mercador de corais, uma fumaça que era atravessada pela luz dourada do sol e, aos poucos, se espalhava pela rua, atravessando, em pequenas nuvens, os quadrados das janelas gradeadas e abertas. Em dois samovares de cobre sobre uma mesa no meio do aposento — onde também refletia-se a luz do sol poente — a água fervia e nada menos que cinquenta copos baratos, de vidro esverdeado, com fundo duplo, contendo um chá castanho e dourado e aguardente, eram passados de mão em mão. As camponesas já haviam negociado o preço dos colares de

corais pela manhã. Mas agora, aqueles ornamentos ainda pareciam caros demais aos seus maridos, que reiniciavam as barganhas. Era uma luta tenaz e desigual, em que o judeu magro tinha de enfrentar, sozinho, um batalhão avassalador de homens embriagados, avarentos, desconfiados, fortes e, às vezes, até perigosos. Sob o barrete de seda preta que Nissen Piczenik costumava usar em sua casa o suor brotava, escorrendo pela barba rala que cobria suas faces sardentas para depois mergulhar no cavanhaque ruivo. Os fios de sua barba grudavam uns nos outros e, ao anoitecer, depois do combate, ele então era obrigado a penteá-los com um pequeno pente. Por fim, acabava vencendo todos os clientes, apesar de sua tolice. Pois tudo o que ele conhecia neste mundo eram os corais e os camponeses da sua terra — e sabia como colocar uns em fios e persuadir os outros. Aos que eram particularmente teimosos ele oferecia uma assim chamada “porção extra” — ou seja: depois que lhe tivessem pago o preço que ele desejava, que não era imediatamente mencionado, mas pretendido, em silêncio ele os presenteava com um minúsculo colarzinho de corais, feito com as pedras mais baratas e destinado às crianças, para que elas o usassem em volta do braço ou pescoço como proteção do mau olhado de vizinhos invejosos e de bruxas malvadas. E enquanto ele fazia aquilo, era necessário vigiar atentamente as mãos dos

clientes e controlar a altura e o tamanho dos montinhos de corais. Não era uma luta fácil!

Porém, naquele final de verão Nissen Piczenik mostrava-se distraído, quase desatento, sem interesse por seus clientes e por seu negócio. Sua corajosa mulher, há anos habituada ao seu silêncio e à sua natureza peculiar, percebia sua distração e o repreendia. Aqui ele vendera um colar de corais barato demais e ali deixara de reparar num pequeno furto; hoje ele se esquecera da “porção extra” de um antigo cliente enquanto ontem dera a um outro cliente, novo e sem importância, um colar bastante valioso. Nunca houvera brigas na casa de Piczenik. Mas, naqueles dias, a calma abandonou o mercador de corais e ele mesmo sentia como a indiferença — sua indiferença habitual para com sua mulher — se transformava em hostilidade. Ele nunca fora capaz de afogar, com suas próprias mãos, algum dos camundongos que, todas as noites, caíam nas ratoeiras — como todos costumavam fazer em Prorody — e entregava os animaizinhos capturados ao aguadeiro Saul, para que desse cabo deles em troca de uma gorjeta. Mas este pacífico Nissen Piczenik, ao ser repreendido, como de costume, por sua mulher, atirou-lhe um pesado colar de corais na cabeça, bateu a porta, saiu de casa e dirigiu-se às margens do grande pântano, o primo distante dos grandes oceanos.

Justamente dois dias antes da partida do marujo, surgiu subitamente no mercador de corais o desejo de seguir o jovem Komrower para Odessa. Foi um daqueles desejos que tomam o corpo de maneira inesperada. Um raio não é nada comparado a esse sentimento, que alcança com exatidão o lugar de onde veio, ou seja, o coração humano. Ele atinge, por assim dizer, seu próprio lugar de nascença. Essa era a natureza do desejo de Nissen Piczenik. E o caminho que leva de um desejo assim até a sua realização não é longo.

No amanhecer do dia em que o jovem marujo Komrower deveria viajar, Nissen Piczenik disse à sua mulher:

— Precisarei viajar por alguns dias.

A mulher ainda estava deitada na cama. Eram oito horas da manhã e o mercador de corais acabava de chegar da sinagoga, onde fora dizer as preces matutinas.

Ela se levantou. Com seus cabelos ralos e desganhados, ainda sem peruca, com restos amarelados de sono nos cantos dos olhos, ela lhe parecia estranha e até hostil. Sua aparência de surpresa e choque pareciam justificar completamente aquela decisão de Nissen Piczenik, até então considerada muito ousada por ele próprio.

— Vou para Odessa! — disse ele, com um ódio sincero.
— Em uma semana estarei de volta, se Deus quiser!

— Agora? Agora? — perguntou a mulher, em meio aos travesseiros. — Agora, que é a época em que os camponeses vêm?

— Exatamente agora! — disse o mercador de corais.
— Tenho negócios importantes para resolver. Prepare as minhas coisas!

E sentindo o prazer de um ódio cruel, que até então lhe era desconhecido, viu sua mulher levantar-se da cama, viu os dedos feios de seus pés, suas pernas gordas debaixo da camisola comprida, sobre a qual se espalhavam algumas manchas pretas, sinais deixados pelas pulgas, e ouviu seu suspiro, ao qual já se habituara havia tempo, pois aquilo era o canto matinal costumeiro e perpétuo daquela mulher, à qual nada mais o ligava senão a distante lembrança de algumas horas noturnas de ternura e o medo ancestral de um divórcio.

Mas, na intimidade de Piczenik, uma voz jubilante, ao mesmo tempo estranha e muito familiar, dizia:

— Piczenik vai de encontro aos corais! Ele vai para os corais! Nissen Piczenik vai para o lar dos corais!

V

Assim, juntamente com o marujo Komrower, ele embarcou no trem e viajou para Odessa. O trajeto era bastante longo, penoso e era preciso mudar de estação em Kiev. Pela primeira vez em sua vida, o mercador de corais viu-se sentado em um trem, contudo, não se sentia como tantos outros que viajam de trem pela primeira vez. A locomotiva, os sinais para partir e avançar, os sinos, os postes de fios telegráficos, os trilhos, os fiscais de bilhetes e as paisagens que corriam através das janelas não lhe interessavam. O que lhe interessava eram a água e o porto para os quais ele viajava, e se por acaso ele prestasse alguma atenção às características da estrada de ferro e seu entorno, fazia-o unicamente tendo em vista as características da navegação, que ainda lhe eram desconhecidas.

— Nos navios também há sinos? — perguntou ao marujo. — Soa-se três vezes antes da partida de um navio? Os navios também assoviam como as locomotivas? O navio

precisa fazer meia-volta quando quer retornar, ou é capaz de simplesmente navegar para trás?

Certamente, como sempre acontece nas viagens, encontravam-se passageiros que desejavam conversar e com os quais a pessoa era obrigada a falar sobre isto e aquilo.

— Sou mercador de corais — dizia Nissen Piczenik, como era na verdade, sempre que alguém lhe perguntava a respeito de sua ocupação.

Mas se alguém continuasse a perguntar:

— O que o senhor vai fazer em Odessa? — ele começava a mentir.

— Tenho negócios importantes a resolver lá — disse ele.

— Isso me interessa — disse, subitamente, outro viajante, que até então permanecera em silêncio. — Eu também tenho negócios importantes a resolver em Odessa e as mercadorias com as quais eu lido são, por assim dizer, aparentadas com os corais, embora sejam muito mais finas e muito mais caras do que os corais!

— Mais caras, pode ser — disse Nissen Piczenik —, porém mais finas é que não são.

— Quer apostar que são mais finas? — exclamou o outro.

— Vou lhe dizer uma coisa, isto é impossível! Nem é preciso apostar!

— Muito bem — disse o outro, triunfante. — Eu negocio pérolas!

— Pérolas não são mais finas — disse Piczenik. — Além disso, trazem má sorte.

— Sim, quando as perdemos — disse o mercador de pérolas.

Os outros começaram a ouvir atentamente a disputa. Por fim, o mercador de pérolas abriu o bolso de sua calça e tirou um saquinho cheio de pérolas reluzentes e perfeitas. Espalhou algumas delas na palma da mão, mostrando-as aos demais viajantes.

— Centenas de ostras têm de ser abertas até que se encontre uma pérola — disse ele. — E os mergulhadores são muito bem pagos. Entre todos os mercadores do mundo, nós, os mercadores de pérolas, somos os mais reconhecidos. Formamos, por assim dizer, uma raça única. Olhe para mim, por exemplo, sou um mercador de primeira categoria, moro em Petersburgo, tenho a melhor clientela, dois grão-duques, por exemplo, cujos nomes são um segredo do meu ofício. Viajo pelo mundo, todos os anos vou a Paris, Bruxelas, Amsterdã. Pergunte em qualquer lugar sobre o mercador de pérolas Gorodotzki e até as crianças poderão informá-lo a meu respeito.

— E eu — disse Nissen Piczenik — nunca saí de nossa aldeia Progrody e somente os camponeses compram meus corais. Mas todos aqui haverão de concordar comigo que uma simples camponesa, enfeitada com alguns colares de

corais, bonitos e sem manchas, representa mais que uma grã-duquesa. Aliás, os corais são usados por todas as classes sociais. Eles enobrecem os pobres e enfeitam os ricos. Podem-se usar corais de manhã, à hora do almoço, à tarde e à noite, em bailes festivos, no verão, no inverno, aos domingos e nos dias de semana, no trabalho e no descanso, em tempos de alegria e em tempos de luto. Há muitos tipos de vermelho no mundo, meus caros companheiros de viagem, e está escrito que nosso rei judeu Salomão usava um manto com um tom todo especial de vermelho, pois os fenícios, que o honravam, o presentearam com um tipo especial de verme cuja natureza era soltar a cor vermelha, como se fosse urina. Trata-se de uma cor que hoje já não existe mais. O púrpura do czar já não é mais dessa mesma cor, pois esse verme, e toda sua espécie, desapareceram depois da morte de Salomão. E vejam que essa cor ainda existe somente entre os mais vermelhos dos corais. Mas onde, no mundo, já se viram pérolas vermelhas?

Nunca em sua vida o silencioso mercador de corais proferira um discurso tão extenso e tão eloquente diante de tanta gente desconhecida. Ele afastou sua boina da testa e enxugou o suor. Sorriu para seus companheiros de viagem, um depois do outro, e todos o apoiaram, merecidamente, em suas palavras.

— Ele tem razão, ele tem razão! — exclamaram, em uníssono.

E até mesmo o mercador de pérolas foi obrigado a confessar que, muito embora Nissen Piczenik não tivesse razão, ele se mostrara um excelente orador ao fazer sua defesa dos corais.

Por fim, chegaram a Odessa e seu porto reluzente, com sua água azul e seus muitos navios brancos como noivas. Lá o encouraçado já aguardava pelo marujo Komrower, como uma casa paterna que espera pela chegada do filho. Nissen Piczenik também queria ver o navio mais de perto. Juntamente com o jovem, dirigiu-se até o vigilante e disse:

— Sou o tio dele e gostaria de ver o navio. Ele mesmo admirou-se com a própria coragem. Sim: já não era o velho Nissen Piczenik interiorano que falava com aquele marujo armado, já não era mais o velho Nissen Piczenik de Progrody, e sim um homem completamente diferente, um homem cuja intimidade se voltara para fora, uma pessoa virada do avesso, por assim dizer, um Nissen Piczenik oceânico. Ele mesmo tinha a impressão de que acabara de desembarcar não do trem, mas do mar, das profundezas do mar Negro. Sentia que o mar lhe era mais familiar do que sua aldeia natal, Progrody, onde vivera a vida inteira. Aonde quer que ele olhasse, via navios e água, água e navios. Os cascos dos navios, dos barcos,

das canoas, dos iates e dos barcos a motor, brancos como neve, negros como corvos, vermelhos como corais — sim, como corais — eram golpeados pela água sempre murmurante. Golpeados não, acariciados por centenas de milhares de minúsculas ondas, que são, ao mesmo tempo, iguais a línguas e mãos, linguinhas e mãozinhas ao mesmo tempo. O mar Negro não é negro. Visto de longe, ele é mais azul que o céu. E de perto, é verde como um prado. Milhares de peixinhos ágeis saltitam, ressaltam, mergulham, serpenteiam, lançam-se e esvoaçam quando se joga um pedaço de pão na água. Sem uma nuvem sequer, o céu azul se estende sobre o porto. Os mastros e as chaminés dos navios se erguem em sua direção. “O que é isto? Como se chama aquilo?”, pergunta, ininterruptamente, Nissen Piczenik. Isto se chama mastro e aquilo se chama proa, aqui estão os coletes salva-vidas, existem diferenças entre barcos e canoas, veleiros e vapores, mastros e chaminés, cruzados e navios mercantes, convés e popa, proa e quilha. Centenas de palavras desconhecidas se lançam sobre os ouvidos pobres, porém contentes, de Nissen Piczenik. Depois de muito esperar ele recebe (excepcionalmente, diz o sargento-ajudante) uma permissão para visitar o encouraçado e acompanhar seu sobrinho. Um tenente da marinha apresenta-se em pessoa para observar um comerciante judeu a bordo de um encouraçado da Marinha

Imperial Russa. Sua Excelência, o tenente, sorri. O vento suave infla o paletó negro do judeu magro e ruivo, veem-se suas calças esgarçadas, cheias de remendos, enfiadas nas botas opacas. O judeu Nissen Piczenik esquece-se até mesmo dos mandamentos de sua religião. Diante do esplendor branco e dourado do oficial, ele tira a boina negra que cobre sua cabeça e seus cabelos ruivos e cacheados esvoaçam ao vento.

— Seu sobrinho é um bom marinheiro! — afirma Sua Excelência, o Senhor Oficial.

Nissen Piczenik não é capaz de encontrar resposta adequada, apenas sorri, não ri, apenas sorri, silenciosamente. Sua boca está aberta, veem-se seus grandes dentes amarelados, que se parecem com os de um cavalo, sua gengiva rosada e seu cavanhaque de bode, vermelho como o cobre, que chega quase até o seu peito. Ele observa o timão, os canhões. Permitem-lhe até mesmo olhar pela luneta — e Deus sabe que o que está longe parece perto, como o que ainda vai demorar muito para chegar já está aí, atrás dos vidros. Deus deu olhos ao homem, é verdade. Mas o que são os olhos comuns comparados a olhos que veem através de uma luneta? Deus deu olhos ao homem, mas deu-lhe também o entendimento para que ele pudesse inventar as lunetas e aumentar a potência desses olhos. E o sol brilha sobre o convés, aquece as costas de Nissen Piczenik, e ainda assim ele não sente calor. Pois o

vento perpétuo sopra sobre o mar, e até parece que o vento brota do mar, da profundeza das águas.

Por fim, chegou a hora da despedida. Nissen Piczenik abraçou o jovem Komrower, fez uma reverência diante do tenente e deixou o encouraçado.

Ele pretendia voltar a Progrody logo depois de despedir-se do jovem Komrower. Ainda assim, permaneceu em Odessa. Assistiu à partida do encouraçado, os marinheiros o saudaram enquanto ele, no porto, acenava com seu lenço azul listrado de vermelho. Ele viu, ainda, a partida de muitos outros navios enquanto acenava para todos os passageiros, pois dia após dia ele voltava ao porto. E a cada vez descobria algo de novo. Por exemplo, ele ouviu e aprendeu o que significava levantar âncora ou recolher as velas ou desligar a caldeira ou içar as velas e assim por diante.

Dia após dia, ele via muitos jovens vestidos com seus trajes de marinheiro trabalhando nos navios, galgando os mastros. Também via os jovens andando pelas ruas de Odessa, de braços dados, uma corrente de marujos que ocupava toda a rua — e então sentiu um pesar no coração por não ter tido filhos. Naquela hora ele desejava filhos e netos, e não havia dúvida de que os teria enviado a todos para o mar, para que se tornassem marujos. Enquanto isso, sua mulher, estéril e repugnante, permanecia em casa, em Progrody. Hoje era

ela quem estava vendendo os corais em seu lugar. Será que era mesmo capaz disso? Será que sabia o que significavam os corais?

E logo, no porto de Odessa, Nissen Piczenik esqueceu-se dos deveres de um simples judeu de Progrody. Assim, em vez de ir à sinagoga de manhã e à tarde para as rezas prescritas, ele rezava em sua casa, com muita pressa e sem pensar realmente em Deus: rezava como se fosse um gramofone. Já se vira no mundo um judeu como aquele?

Enquanto isso em sua casa, em Progrody, era a alta temporada dos corais. Nissen Piczenik sabia bem disso, mas ele já não era mais o velho Nissen Piczenik interiorano, mas sim um novo e oceânico.

“Tenho tempo de sobra para voltar a Progrody”, dizia ele consigo mesmo. “O que há para perder lá? E quanto há para ganhar aqui!”

E assim ele permaneceu por três semanas em Odessa, passando, a cada dia, horas felizes com o mar, os navios e com os peixes.

Aquelas foram as primeiras férias da vida de Nissen Piczenik.

VI

Quando voltou para casa em Progrody, percebeu que lhe faltavam nada menos que seiscentos rublos, já contando suas despesas de viagem. Mas à sua mulher e a todos que lhe perguntaram o que fizera tanto tempo longe, ele dizia que tinha fechado “negócios importantes” em Odessa.

Naquela época, começava a colheita e os camponeses não vinham mais com tanta frequência à aldeia nos dias de feira. Como em todos os anos, durante aquelas semanas as coisas se tornavam mais tranquilas na casa do mercador de corais. Entardecia e as moças que colocavam os corais nos fios já deixavam sua casa. E à noite, quando Nissen Piczenik voltava da sinagoga, já não se ouviam mais os cânticos cristalininos das belas jovens, somente sua mulher, com o costumeiro prato de rabanetes e cebolas, e o samovar de cobre.

Ainda assim, lembrando-se dos dias em Odessa, cuja esterilidade comercial era conhecida por ele e por mais ninguém, o mercador de corais Nissen Piczenik acom-

dou-se à rotina dos seus dias de outono. Ele já matutava que, dentro de alguns meses, alegaria novamente negócios importantes para poder viajar a outra cidade portuária, por exemplo, Petersburgo.

Ele não precisava se preocupar com questões materiais. Todo o dinheiro que economizara durante seus longos anos de comércio de corais estava nas mãos do agiota Pinkas Warschawsky e rendia juros, ininterruptamente. Ele era uma figura conhecida da comunidade, que cobrava impiedosamente todas suas dívidas, mas que também pagava os juros pontualmente. Nissen Piczenik não tinha motivos para temer passar necessidade. E como não tinha filhos, tampouco precisava preocupar-se com seus descendentes. Então, por que não viajar para algum dos muitos portos?

Logo o mercador de corais começou a tecer seus planos para a próxima primavera, mas algo de incomum sucedeu na aldeia vizinha de Sutschky.

Certo dia, chegou a essa aldeia, tão pequena quanto a aldeia de Nissen Piczenik, um homem que, até então, ninguém em toda aquela região conhecia: um mercador de corais. Este homem chamava-se Jenö Lakatos e, como logo se descobriu, vinha do distante país da Hungria. Ele falava russo, alemão, ucraniano, polonês e, conforme a necessidade, se alguém por acaso desejasse, o senhor Lakatos também

falaria francês, inglês e chinês. Era um homem jovem, de cabelos lisos, preto-azulados, sempre cobertos de brilhantina — aliás, diga-se, era o único homem em toda a região a usar um colarinho alto e reluzente, uma gravata e uma bengalinha de passeio com cabo dourado. Esse jovem chegara poucas semanas antes a Sutschky, fizera amizade com o magarefe Nikita Kolchin e insistira tanto que este acabou aceitando abrir, junto com ele, uma loja de corais. A firma, com um cartaz vermelho espalhafatoso, chamava-se N. Kolchin & Compagnie.

Na vitrine dessa loja brilhavam corais rosados, impecáveis, que eram, de fato, mais leves que as pedras de Nissen Piczenik, mas também mais baratos. Um grande colar de corais custava um rublo⁷ e cinquenta, e pulseiras eram vendidas por vinte, cinquenta e oitenta copeques⁸. Os preços ficavam expostos em uma vitrine da loja. E, para que ninguém passasse pela loja sem percebê-la, um fonógrafo tocava, o dia inteiro, músicas estridentes, que eram ouvidas na aldeia inteira e até mesmo nos vilarejos vizinhos. Não havia em Sutschky um grande mercado como em Prorody. Ainda assim, e ainda que fosse época da colheita, as campo-

7 Meio (cédula ou moeda) pelo qual são efetuadas transações monetárias na Rússia.

8 Moeda que vale a centésima parte do rublo.

nessas iam à loja do senhor Lakatos para ouvir as músicas e comprar corais baratos.

Depois de algumas semanas de funcionamento da atraente loja desse senhor Lakatos, certo dia apareceu na casa de Nissen Piczenik um comerciante rico que disse:

— Nissen Semionovitch, não consigo acreditar que você tenha passado os últimos vinte anos enganando a mim e aos demais. Agora há em Sutschky um homem que vende os mais belos corais por cinquenta copeques a peça. Minha mulher queria ir à loja dele, mas pensei que seria melhor perguntar primeiro a você, Nissen Semionovitch.

— Esse Lakatos — disse Nissen Piczenik — certamente é um ladrão e falsário. Não há outra maneira de explicar seus preços. Eu mesmo irei vê-lo, se você me levar em sua carruagem.

— Muito bem — disse o camponês. — Veja por si mesmo.

E assim o mercador de corais foi para Sutschky, ficou por um tempo diante da vitrine, ouviu as músicas berrantes que vinham do interior da loja, entrou e começou a conversar com o senhor Lakatos.

— Eu mesmo sou mercador de corais — disse Nissen Piczenik. — Minhas mercadorias vêm de Hamburgo, Odessa, Trieste, Amsterdã. Eu não entendo como o senhor pode vender corais tão baratos e tão bonitos quanto esses.

— O senhor é da velha geração — respondeu Lakatos.
— E, desculpe-me pela expressão, um pouco atrasado.

Enquanto isto, Lakatos aproximou-se, saindo de trás do balcão da loja. Nissen Piczenik reparou que ele mancava um pouco. Evidentemente, sua perna esquerda era mais curta, pois o salto de sua bota esquerda tinha o dobro da altura do outro. Ele exalava um perfume forte e inebriante — e não era possível saber onde, em seu corpo delgado, se encontrava a fonte de todo aquele perfume. Seus cabelos eram de um negro azulado como a noite. E seus olhos escuros, que à primeira vista poderiam parecer suaves, de um instante para o outro brilhavam com tanta intensidade que era como se um rubor igual ao de brasas acendesse em meio à sua escuridão. Sob o bigodinho negro e revirado, seus dentinhos de rato sorriam, brancos e reluzentes.

— E então? — perguntou o mercador de corais Nissen Piczenik.

— Sim — respondeu Lakatos —, nós não somos loucos. Nós não mergulhamos nas profundezas do mar. Nós simplesmente fabricamos corais artificiais. Minha firma chama-se: Irmãos Lowncastle, New York. Trabalhei por dois anos com sucesso em Budapeste. Os camponeses húngaros não percebem nada, muito menos os camponeses russos. Aqui, eles querem corais bonitos, vermelhos e impecáveis. E ei-los

aqui: baratos, fáceis, bonitos, agradáveis. O que mais se pode querer? Corais verdadeiros não podem ser tão bonitos.

— De que são feitos os seus corais? — perguntou Nissen Piczenik.

— De celuloide⁹, meu caro. Celuloide! — exclamou Lakatos, encantado. — E não me diga nada contra a técnica! Veja: na África crescem as seringueiras. Das seringueiras faz-se borracha e celuloide. Isto é antinatural? As seringueiras são menos naturais que os corais? Uma árvore na África é menos natural que uma árvore de corais no fundo do mar? O que o senhor me diz? Vamos fazer negócios juntos? Decida-se! Dentro de um ano, o senhor terá perdido todos os seus clientes para a minha concorrência, e então o senhor poderá ir, junto com todos os seus corais verdadeiros, de volta para o fundo do mar, de onde vieram estas lindas pedrinhas. Diga logo: sim ou não?

— Deixe-me pensar por dois dias — disse Nissen Piczenik. E voltou para sua casa.

9 Plástico derivado da nitrocelulose.

VII

Foi assim que o demônio tentou o mercador de corais Nissen Piczenik pela primeira vez. O nome do demônio era Jenö Lakatos, de Budapeste, e foi ele quem introduziu na Rússia os corais falsos, de celuloide, que quando ardem produzem chamas azuladas como o fogo das sebes que rodeiam o inferno.

Quando Nissen Piczenik chegou à sua casa, beijou com indiferença ambas as faces de sua mulher, saudou as jovens que colocavam os corais nos fios e, com os olhos um tanto transtornados pelo demônio, pôs-se a observar seus queridos corais, os corais vivos, que nem de longe eram tão perfeitos quanto os corais falsos de celuloide do seu concorrente Jenö Lakatos. E o demônio deu ao honesto Nissen Piczenik a ideia de misturar corais falsos aos verdadeiros.

Assim, um dia ele foi ao correio e ditou ao escriba público uma carta dirigida a Jenö Lakatos, em Sutschky, de maneira que este, passados alguns dias, lhe enviou nada

menos que vinte puds¹⁰ de corais falsos. Como se sabe, o celuloide é um material leve, e com vinte puds de corais falsos é possível fazer grandes quantidades de colares e correntes. Nissen Piczenik, tentado pelo demônio e ofuscado, misturou os falsos com os verdadeiros, traindo a si mesmo e aos seus corais.

Em toda a região, a colheita já começara e quase não havia mais camponeses a comprar corais. Mas, com os poucos que apareciam, vez ou outra, Nissen Piczenik lucrava mais, graças aos corais falsos, do que lucrava antes com sua clientela numerosa. Ele misturava o falso ao verdadeiro — e isto era ainda pior do que vender somente corais falsos. Pois é assim que acontece com as pessoas seduzidas pelo demônio: no que diz respeito ao demoníaco, superam até mesmo o próprio demônio. E assim, Nissen Piczenik superou Jenö Lakatos de Budapeste. E tudo o que Nissen Piczenik lucrava, ele entregava conscienciosamente a Pinkas Warschawsky. E o demônio seduzira de tal forma o mercador de corais que ele sentia um verdadeiro deleite ao pensar que seu dinheiro estava se multiplicando e gerando juros.

10 Antiga medida de peso russa que corresponde a aproximadamente dez quilogramas.

E então, subitamente, o agiota Pinkas Warchawsky morreu. Nissen Piczenik assustou-se e foi imediatamente em busca dos herdeiros do agiota para pedir seu dinheiro de volta, acrescido dos juros. Recebeu, no ato, nada menos que cinco mil quatrocentos e cinquenta rublos e sessenta copeques. Com esse dinheiro, pagou tudo o que devia a Lakatos e encomendou ainda mais vinte puds de corais.

Certo dia, o rico plantador de lúpulo foi até Nissen Piczenik e lhe pediu uma corrente de corais para um de seus netos, contra o mau-olhado.

O mercador de corais preparou uma correntinha só com corais falsos, de celuloide, e ainda disse:

— Estes são os corais mais lindos que tenho.

O camponês pagou um preço que corresponderia ao de corais verdadeiros e voltou para sua aldeia.

Uma semana após ter colocado os corais falsos em volta do pescoço, a criança morreu. Foi uma morte terrível, por sufocamento, causado pela difteria. Na aldeia de Solowetzk, onde vivia o rico plantador de lúpulo (mas também nas aldeias ao redor) logo espalhou-se a notícia de que os corais de Nissen Piczenik, de Progrody, traziam infelicidade e doença — e não somente para aqueles que os haviam comprado. Em seguida, a difteria começou a se alastrar pelos vilarejos da região, levando consigo muitas crianças e disseminando o

boato de que os corais de Nissen Piczenik traziam doenças e desgraças.

Por esse motivo, durante todo o inverno não apareceu mais nenhum cliente na casa de Nissen Piczenik. Foi um inverno rigoroso. Começou em novembro e se estendeu até o fim de março. Dia após dia uma geada impiedosa cobria a terra. A neve só caía raramente e até mesmo os corvos pareciam sentir frio, empoleirados nos galhos nus das castanheiras. Um grande silêncio abateu-se sobre a casa de Nissen Piczenik. Uma depois da outra, as jovens que trabalhavam para ele foram dispensadas. Nos dias de feira, às vezes ele encontrava um ou outro antigo cliente. Mas eles não o cumprimentavam mais.

Sim, os mesmos camponeses que durante o verão o tinham beijado, agora faziam que não conheciam o mercador de corais.

As temperaturas chegavam a quarenta graus negativos. A água nos baldes dos aguadeiros congelava no caminho entre o poço e as casas. Uma grossa camada de gelo cobria as janelas da casa de Nissen Piczenik, de maneira que já não lhe era possível enxergar o que se passava nas ruas. Pingentes de gelo, grandes e pesados, pendiam das barras de ferro das grades, obstruindo ainda mais as janelas. E como nenhum cliente se aproximava da casa de Nissen Piczenik, em vez

de culpar os corais falsos, ele culpou o inverno rigoroso. Enquanto isso, a loja do senhor Lakatos, em Sutschky, estava sempre repleta de gente. Os camponeses compravam dele os corais de celuloide, impecáveis e baratos, e não mais os verdadeiros de Nissen Piczenik.

As ruas e vielas da aldeia de Progrody estavam congeladas e lisas como espelhos. Os moradores andavam apoiados em bengalas cobertas por uma camada de gelo. E ainda assim muitos escorregavam, caíam e quebravam as pernas e o pescoço.

Uma noite, a mulher de Nissen Piczenik também sofreu uma queda. Permaneceu inconsciente por muito tempo, até que seus vizinhos piedosos a socorreram e a levaram para dentro de sua casa.

Não demorou para que ela começasse a vomitar violentamente. O enfermeiro de Progrody afirmou que ela sofrera uma concussão cerebral.

A mulher foi levada ao hospital e o médico confirmou o diagnóstico.

Todas as manhãs, o mercador de corais se dirigia ao hospital. Ele se sentava junto à cama de sua mulher e ouvia, por meia hora, seu palavreado confuso. Ele olhava seus olhos febris e seus cabelos ralos, lembrava-se das poucas horas de ternura que lhe havia concedido, sentia o cheiro penetrante

da cânfora e do iodofórmio, e então voltava para casa, colocando-se diante do fogão para cozinhar *borscht* e *kasche*, cortava seu próprio pão, ralava seus próprios rabanetes, preparava seu próprio chá, e acendia, ele mesmo, o fogo. E então ele colocava os corais sobre uma de suas quatro mesas, tirando-os dos saquinhos, que lá havia em grande quantidade, e começava a escolhê-los. Os corais de celuloide do senhor Lakatos encontravam-se separados no armário. Os corais verdadeiros já há tempos não pareciam mais animais aos olhos de Nissen Piczenik. Desde que Lakatos surgira em sua vida e o mercador de corais Nissen Piczenik começara a misturar aquelas coisas leves de celuloide às pedras pesadas e verdadeiras, os corais que estavam armazenados em sua casa haviam morrido. Agora faziam-se corais de celuloide! De uma substância morta, faziam-se corais que se pareciam com os corais vivos e eram ainda mais bonitos e mais perfeitos que os corais vivos e verdadeiros! O que era, comparado àquilo, a concussão cerebral da sua mulher?

Passados oito dias, ela morreu, decerto em consequência da queda. E Nissen Piczenik estava certo ao dizer que sua mulher não morrera somente em decorrência da concussão cerebral, mas também porque sua vida não dependia da vida de nenhuma outra pessoa neste mundo. Não havia ninguém que desejasse que ela permanecesse viva.

Agora o mercador de corais Nissen Piczenik era viúvo. Cumpriu o período de luto por sua mulher conforme prescrito. Comprou-lhe um túmulo do tipo mais resistente e durável e nele mandou gravar palavras honrosas. Ao amanhecer e ao entardecer, fazia a reza dos mortos por ela. Mas dela não sentia nenhuma falta. Ele sabia como preparar sua própria comida e seu próprio chá e nunca se sentia sozinho quando estava na companhia dos corais. A única coisa que o preocupava era o fato de que ele os traíra com os irmãos falsos dos corais, os corais de celuloide. Traíra a si mesmo, com o comerciante Lakatos.

Ele ansiava pela chegada da primavera. E quando, por fim, a primavera chegou, Nissen Piczenik se deu conta de que ansiara em vão. Pois, normalmente, ainda antes da Páscoa, quando as estalactites de gelo começam a derreter nas horas mais quentes do dia, os clientes já costumavam chegar, em suas carroças que rangiam ou em seus trenós cujos sinos ressoavam, pois precisavam de corais para a Páscoa. Mas agora que a primavera chegara, o sol brilhava cada vez mais forte, as estalactites de gelo dos telhados se tornavam mais curtas e os montes de neve à beira das estradas se tornavam menores, nenhum cliente chegava à casa de Nissen Piczenik. No seu armário de carvalho e em seu baú com cintas de ferro e rodinhas, estacionado e imponente ao lado do fogão, havia

montes de corais, colares e pulseiras. E nenhum cliente se aproximava da sua casa. O tempo se tornava cada vez mais quente, a neve desaparecia, a chuva suave caía, as violetas nas florestas floresciam e nos pântanos os sapos coaxavam. E nenhum cliente aparecia.

Àquela época começou-se a perceber, pela primeira vez em Progrody, uma mudança peculiar no ser e no caráter de Nissen Piczenik. Sim, pela primeira vez os moradores de Progrody começaram a pensar que o mercador de corais era uma pessoa estranha, uma pessoa muito estranha. Muitos perderam o respeito que costumavam ter por ele. Havia até alguns que começaram a rir dele abertamente. Havia muitas boas pessoas de Progrody que não diziam mais: “Aí vai o mercador de corais”. Ao contrário, diziam simplesmente: “Nissen Piczenik está passando. Ele foi um grande mercador de corais”.

E o culpado de tudo isso era ele mesmo. Pois não se portava de acordo com o que as leis e a dignidade do luto prescrevem a um viúvo. Se antes as pessoas faziam vistas grossas à estranha amizade que o ligava ao marujo Komrower e à visita que ele fizera à mal afamada taverna de Podgorzew, agora já não era mais possível deixar de levantar as mais graves suspeitas sobre suas visitas àquele estabelecimento. Desde a morte de sua mulher, quase todos os dias Nissen

Piczenik ia à taverna de Podgorzew. Ele começara a beber hidromel com paixão. E, com o passar do tempo, o hidromel lhe pareceu doce demais e passou a pedir que o misturassem com vodca. Às vezes alguma daquelas moças levianas se sentava ao seu lado. Ele, que em toda sua vida nunca conhecera nenhuma mulher senão sua falecida esposa, ele, que nunca experimentara um desejo que não fosse o de acariciar seus verdadeiros amores, isto é, os corais, e de escolhê-los e de colocá-los em fios, às vezes sentia-se assolado, na desolada taverna de Podgorzew, pela carne branca e barata das mulheres, e pela força do seu próprio sangue, que fazia pouco caso da dignidade de sua respeitável existência burguesa. Sentia-se assolado, também, pelo grande e quente esquecimento que emanava dos corpos das moças. Bebia e acariciava as moças que se sentavam ao seu lado, e às vezes em seu colo, e sentia prazer, o mesmo prazer que sentia ao brincar com seus corais. Com seus dedos fortes, cobertos de pelos vermelhos, ele apalpava, com pouca habilidade e até mesmo com um desamparo ridículo, os bicos dos seios das moças, que eram tão vermelhos quanto certos corais. E assim ele começou a se degenerar, como se costuma dizer, rapidamente, cada vez mais, dia a dia. Ele mesmo o sentia. Seu rosto se tornava mais magro e suas costas se encurvavam. Ele deixou de escovar seu paletó, limpar suas botas e ajeitar sua barba. Mecanicamente,

a cada manhã e a cada tarde, fazia suas preces. Ele mesmo sentia: já não era mais o mercador de corais conhecido por todos, era o Nissen Piczenik que um dia tinha sido um grande mercador de corais.

Ele sentia que, dentro de um ano, ou de meio ano, haveria de tornar-se alvo das chacotas da aldeia inteira — e o que lhe importava aquilo? Seu lar não era Progrody e sim o oceano.

E então, um dia, tomou uma decisão fatal.

Mas, antes disto, ele se dirigiu a Sutschky e, vejam: na loja de Jenö Lakatos de Budapeste ele encontrou todos os seus antigos clientes, e eles ouviam com atenção a música estridente do fonógrafo e compravam pulseiras de corais de celuloide por cinquenta copeques a peça.

— E o que foi que eu disse, aqui, há um ano? — exclamou Jenö Lakatos, dirigindo-se a Nissen Piczenik. — O senhor quer mais dez puds? Vinte? Trinta?

Nissen Piczenik disse:

— Eu não quero mais corais falsos. Só negocio com os verdadeiros.

VIII

Voltou para sua casa em Progrody e, em silêncio e em segredo, dirigiu-se à casa de Benjamin Broczyner, um agente que negociava passagens de navios para imigrantes. Broczyner vivia principalmente da venda de bilhetes a desertores e a judeus muito pobres, que emigravam para o Canadá e para os Estados Unidos. Em Progrody, ele representava uma companhia de navegação de Hamburgo.

— Quero viajar para o Canadá! — disse o mercador de corais Nissen Piczenik. — E o quanto antes.

— O próximo navio chama-se *Fênix* e zarpa de Hamburgo em duas semanas. Até lá vamos conseguir os documentos para você — disse Broczyner.

— Muito bem! — respondeu Piczenik. — Não diga nada a ninguém a esse respeito.

E foi para casa guardar todos os seus corais verdadeiros em seu baú com rodinhas.

Quanto aos corais de celuloide, ele os colocou sobre a base de cobre do samovar, acendeu o fogo e ficou olhando enquanto queimavam em chamas azuladas e fedorentas. Aquilo levou muito tempo, pois ele tinha mais de quinze puds de corais falsos. E então formou-se um monte enorme de cinzas negras encaracoladas. Em torno da lamparina de querosene, no meio da sala, a fumaça azul acinzentada do celuloide serpenteava desenhando anéis no ar.

Assim Nissen Piczenik despediu-se de seu lar.

No dia 21 de abril, ele embarcou, em Hamburgo, no vapor *Fênix*, como passageiro do convés intermediário.

O navio estava em seu quarto dia de viagem quando a catástrofe aconteceu. Talvez ainda haja alguém que se lembre.

Mais de duzentos passageiros foram a pique com o *Fênix*. Evidentemente, afogaram-se.

Mas, quanto a Nissen Piczenik, que também morreu naquela ocasião, não se pode dizer que ele tenha simplesmente se afogado como os demais. Na verdade — e sobre isto não há dúvidas —, ele voltou para junto dos corais, nas profundezas do oceano, onde serpenteia o gigantesco Leviatã.

E se quisermos acreditar no que conta um homem que, por milagre, como se costuma dizer, escapou da morte naquela ocasião, teremos de contar que, muito antes de os botes salva-vidas estarem todos ocupados, Nissen Piczenik

havia se lançado ao mar, em busca dos seus corais, dos seus corais verdadeiros.

Quanto a mim, acredito nisso. Pois eu mesmo conheci Nissen Piczenik. E garanto que ele pertencia aos corais e que as profundezas do mar eram seu único lar.

Que ele possa descansar em paz ali, junto ao Leviatã, até o dia da chegada do Messias.





Der Leviathan

Joseph Roth

In dem kleinen Städtchen Prorody lebte einst ein Korallenhändler, der wegen seiner Redlichkeit und wegen seiner guten, zuverlässigen Ware weit und breit in der Umgebung bekannt war. Aus den fernen Dörfern kamen die Bäuerinnen zu ihm, wenn sie zu besonderen Anlässen einen Schmuck brauchten. Leicht hätten sie in ihrer Nähe schon noch andere Korallenhändler gefunden, aber sie wußten, daß sie dort nur alltäglichen Tand und billigen Flitter bekommen konnten. Deshalb legten sie in ihren kleinen ratternden Wägelchen manchmal viele Werst zurück, um nach Prorody zu gelangen, zu dem berühmten Korallenhändler Nissen Piczenik.

Gewöhnlich kamen sie an jenen Tagen, an denen der Jahrmarkt stattfand. Am Montag war Pferdemarkt, am Donnerstag Schweinemarkt. Die Männer betrachteten und prüften die Tiere, die Frauen gingen in unregelmäßigen Gruppen, barfuß und die Stiefel über die Schultern gehängt, mit den bunten, auch an trüben Tagen leuchtenden

Kopftüchern in das Haus Nissen Piczeniks. Die harten nackten Sohlen trommelten gedämpft und fröhlich auf den hohlen Brettern des hölzernen Bürgersteigs und in dem weiten kühlen Flur des alten Hauses, in dem der Händler wohnte. Aus dem gewölbten Flur gelangte man in einen stillen Hof, wo zwischen den unregelmäßigen Pflastersteinen sanftes Moos wucherte und in der warmen Jahreszeit einzelne Gräslein sprossen. Hier kamen den Bäuerinnen schon die Hühner Piczeniks freundlich entgegen, voran die Hähne mit den stolzen Kämmen, die so rot waren wie die röttesten Korallen.

Man mußte dreimal an die eiserne Tür klopfen, an der ein eiserner Klöppel hing. Dann öffnete Piczenik eine kleine Luke, die in die Tür eingeschnitten war, sah die Leute, die Einlaß heischten, schob den Riegel zurück und ließ die Bäuerinnen eintreten. Bettlern, wandernden Sängern, Zigeunern und den Männern mit den tanzenden Bären pflegte er durch die Luke ein Almosen zu reichen. Er mußte recht vorsichtig sein, denn auf allen Tischen in seiner geräumigen Küche wie im Wohnzimmer lagen die edlen Korallen in großen, kleinen, mittleren Haufen, verschiedene Völker und Rassen von Korallen durcheinandergemischt oder auch bereits nach ihrer Eigenart und Farbe geordnet. Man hatte nicht zehn Augen im Kopf, um jeden Bettler

zu beobachten, und Piczenik wußte, daß die Armut die unwiderstehliche Verführerin zur Sünde ist. Zwar stahlen manchmal auch wohlhabende Bäuerinnen; denn die Frauen erliegen leicht der Lust, sich den Schmuck, den sie bequem kaufen könnten, heimlich und unter Gefahr anzueignen. Aber bei den Kunden drückte der Händler eines seiner wachsamen Augen zu und ein paar Diebstähle kalkulierte er auch in die Preise ein, die er für seine Ware forderte.

Er beschäftigte nicht weniger als zehn Fädlerinnen, hübsche junge Mädchen, mit guten, sicheren Augen und feinen Händen. Die Mädchen saßen in zwei Reihen an einem langen Tisch und angelten mit zarten Nadeln nach den Korallen. Also entstanden die schönen regelmäßigen Schnüre, an deren Enden die kleinsten Korallen, in deren Mitte die größten und leuchtendsten steckten. Bei dieser Arbeit sangen die Mädchen im Chor. Und im Sommer, an heißen, blauen und sonnigen Tagen, war im Hof der lange Tisch aufgestellt, an dem die fädelnden Frauen saßen, und ihren sommerlichen Gesang hörte man im ganzen Städtchen, und er übertönte die schmetternden Lerchen unter dem Himmel und die zirpenden Grillen in den Gärten.

Es gibt viel mehr Arten von Korallen, als die gewöhnlichen Leute wissen, die sie nur aus den Schaufenstern oder Läden kennen. Es gibt geschliffene und ungeschliffene

vor allem; ferner flach an den Rändern geschnittene und kugelrunde; dornen- und stäbchenartige, die wie Stacheldraht aussehen; gelblich leuchtende, fast weißrote Korallen von der Farbe, wie sie manchmal die oberen Ränder der Teerosenblätter zeigen, gelblich-rosa, rosa, ziegelrote, rübenrote, zinnoberfarbene und schließlich die Korallen, die aussehen wie feste runde Blutstropfen. Es gibt ganz- und halbrunde; Korallen, die wie kleine Fäßchen, andere, die wie Zylinderchen aussehen; es gibt gerade, schiefgewachsene und sogar bucklige Korallen. Es gibt Sterne, Stacheln, Zinken, Blüten. Denn die Korallen sind die edelsten Pflanzen der ozeanischen Unterwelt, Rosen für die launischen Göttinnen der Meere, so reich an Formen und Farben, wie die Launen dieser Göttinnen selbst.

Wie man sieht, hielt Nissen Piczenik keinen offenen Laden. Er betrieb das Geschäft in seiner Wohnung, das heißt: er lebte mit den Korallen, Tag und Nacht, Sommer und Winter, und da in seiner Stube wie in seiner Küche die Fenster in den Hof gingen und obendrein von dichten eisernen Gittern geschützt waren, herrschte in dieser Wohnung eine schöne geheimnisvolle Dämmerung, die an Meeresgrund erinnerte, und es war, als wüchsen dort die Korallen, und nicht, als würden sie gehandelt. Ja, dank einer besonderen, geradezu geflissentlichen Laune der Natur war

Nissen Piczenik, der Korallenhändler, ein rothaariger Jude, dessen kupferfarbenes Ziegenbärtchen an eine Art rötlichen Tangs erinnerte und dem ganzen Mann eine frappante Ähnlichkeit mit einem Meergott verlieh. Es war, als schüfe oder pflanzte und pflückte er selbst die Korallen, mit denen er handelte. Und so stark war die Beziehung seiner Ware zu seinem Aussehen, daß man ihn nicht nach seinem Namen im Städtchen Progrody nannte, mit der Zeit diesen sogar vergaß und ihn lediglich nach seinem Beruf bezeichnete. Man sagte zum Beispiel: Hier kommt der Korallenhändler – als gäbe es in der ganzen Welt außer ihm keinen anderen.

Nissen Piczenik hatte in der Tat eine familiäre Zärtlichkeit für Korallen. Von den Naturwissenschaften weit entfernt, ohne lesen und schreiben zu können – denn er hatte niemals eine Schule besucht, und er konnte nur unbeholfen seinen Namen zeichnen –, lebte er in der Überzeugung, daß die Korallen nicht etwa Pflanzen seien, sondern lebendige Tiere, eine Art winziger, roter Seetiere – – – und kein Professor der Meereskunde hätte ihn eines Besseren belehren können. Ja, für Nissen Piczenik lebten die Korallen noch, nachdem sie gesägt, zerschnitten, geschliffen, sortiert und gefädelt worden waren. Und er hatte vielleicht recht. Denn er sah mit eigenen Augen, wie seine rötlichen Korallenschnüre an den Busen kranker oder kränklicher

Frauen allmählich zu verblassen begannen, an den Busen gesunder Frauen aber ihren Glanz behielten. Im Verlauf seiner langen Korallenhändler-Praxis hatte er oft bemerkt, wie Korallen, die blaß – trotz ihrer Röte – und immer blasser in seinen Schränken gelegen waren, plötzlich zu leuchten begannen, wenn sie um den Hals einer schönen jungen und gesunden Bäuerin gehängt wurden, als nährten sie sich von dem Blut der Frauen. Manchmal brachte man dem Händler Korallenschnüre zum Rückkauf, er erkannte sie, die Kleinodien, die er einst selbst gefädelt und behütet hatte – und er erkannte sofort, ob sie von gesunden oder kränklichen Frauen getragen worden waren.

Er hatte eine eigene, ganz besondere Theorie von den Korallen. Seiner Meinung nach waren sie, wie gesagt, Tiere des Meeres, die gewissermaßen nur aus kluger Bescheidenheit Bäume und Pflanzen spielten, um nicht von den Haifischen angegriffen oder gefressen zu werden. Es war die Sehnsucht der Korallen, von den Tauchern gepflückt und an die Oberfläche der Erde gebracht, geschnitten, geschliffen und aufgefädelt zu werden, um endlich ihrem eigentlichen Daseinszweck zu dienen: nämlich, der Schmuck schöner Bäuerinnen zu werden. Hier erst, an den weißen festen Hälsen der Weiber, in innigster Nachbarschaft mit der lebendigen Schlagader, der Schwester der weiblichen

Herzen, lebten sie auf, gewannen sie Glanz und Schönheit und übten die ihnen angeborene Zauberkraft aus, Männer anzuziehen und deren Liebeslust zu wecken. Zwar hatte der alte Gott Jehovah alles selbst geschaffen, die Erde und ihr Getier, die Meere und alle ihre Geschöpfe. Dem Leviathan aber, der sich auf dem Urgrund aller Wasser ringelte, hatte Gott selbst für eine Zeitlang, bis zur Ankunft des Messias nämlich, die Verwaltung über die Tiere und Gewächse des Ozeans, insbesondere über die Korallen, anvertraut.

Nach all dem, was hier erzählt ist, könnte man glauben, daß der Händler Nissen Piczenik als eine Art Sonderling bekannt war. Dies war keineswegs der Fall. Piczenik lebte in dem Städtchen Prorody als ein unauffälliger, bescheidener Mensch, dessen Erzählungen von den Korallen und dem Leviathan ganz ernst genommen wurden, als Mitteilungen eines Mannes vom Fach nämlich, der sein Gewerbe ja kennen mußte, wie der Tuchhändler Manchesterstoffe von deutschem Perkal unterschied und der Teehändler den russischen Tee der berühmten Firma Popoff von dem englischen Tee, den der ebenso berühmte Lipton aus London lieferte. Alle Einwohner von Prorody und Umgebung waren überzeugt, daß die Korallen lebendige Tiere sind und daß sie von dem Urfisch Leviathan in ihrem Wachstum und Benehmen unter dem Meere bewacht werden. Es konnte

nicht daran gezweifelt werden, da es ja Nissen Piczenik selbst erzählt hatte.

Die schönen Fädlerinnen arbeiteten oft bis spät in die Nacht und manchmal sogar nach Mitternacht im Hause Nissen Piczeniks. Nachdem sie sein Haus verlassen hatten, begann der Händler selbst, sich mit seinen Steinen, will sagen: Tieren zu beschäftigen. Zuerst prüfte er die Ketten, die seine Mädchen geschaffen hatten, hierauf zählte er die Häufchen der noch nicht und der schon nach ihrer Rasse und Größe geordneten Korallen, dann begann er, selbst zu sortieren und mit seinen rötlich behaarten, starken und feinfühligem Fingern jede einzelne Koralle zu befühlen, zu glätten, zu streicheln. Es gab wurmstichige Korallen. Sie hatten Löcher an den Stellen, an denen Löcher keineswegs zu brauchen waren. Da hatte der sorglose Leviathan einmal nicht aufgepaßt. Und um ihn zurechtzuweisen, zündete Nissen Piczenik eine Kerze an, hielt ein Stück roten Wachses über die Flamme, bis es heiß und flüssig ward, und verstopfte mittels einer feinen Nadel, deren Spitze er in das Wachs getaucht hatte, die Wurmb Bohrungen im Stein. Dabei schüttelte er den Kopf, als begriffe er nicht, daß ein so mächtiger Gott wie Jehovah einem so leichtsinnigen Fisch wie dem Leviathan die Obhut über die Korallen hatte überlassen können.

Manchmal, aus purer Freude an den Steinen, fädelte er selbst Korallen, bis der Morgen graute und die Zeit gekommen war, das Morgengebet zu sagen. Die Arbeit ermüdete ihn keineswegs, er fühlte keinerlei Schwäche. Seine Frau schlief noch, unter der Decke. Er warf einen kurzen, gleichgültigen Blick auf sie. Er haßte sie nicht, er liebte sie nicht, sie war eine der vielen Fädlerinnen, die bei ihm arbeiteten, weniger hübsch und reizvoll als die meisten. Zehn Jahre war er schon mit ihr verheiratet, sie hatte ihm keine Kinder geschenkt – und das allein wäre ihre Aufgabe gewesen. Eine fruchtbare Frau hätte er gebraucht, fruchtbar wie die See, auf deren Grunde so viele Korallen wuchsen. Seine Frau aber war ein trockener Teich. Mochte sie schlafen, allein, so viele Nächte sie wollte! Das Gesetz hätte ihm erlaubt, sich von ihr scheiden zu lassen. Aber inzwischen waren ihm Kinder und Frauen gleichgültig geworden. Er liebte die Korallen. Und ein unbestimmtes Heimweh war in seinem Herzen, er hätte sich nicht getraut, es bei Namen zu nennen: Nissen Piczenik, geboren und aufgewachsen mitten im tiefsten Kontinent, sehnte sich nach dem Meere.

Ja, er sehnte sich nach dem Meer, auf dessen Grund die Korallen wuchsen, vielmehr, sich tummelten – nach seiner Überzeugung. Weit und breit gab es keinen Menschen, mit dem er von seiner Sehnsucht hätte sprechen können,

in sich verschlossen mußte er es tragen, wie die See die Korallen trug. Er hatte von Schiffen gehört, von Tauchern, von Kapitänen, von Matrosen. Seine Korallen kamen in wohl verpackten Kisten, an denen noch der Seegeruch haftete, aus Odessa, Hamburg oder Triest. Der öffentliche Schreiber in der Post erledigte ihm seine Geschäftskorrespondenz. Die bunten Marken auf den Briefen der fernen Lieferanten betrachtete er ausführlich, bevor er die Umschläge wegwarf. Nie in seinem Leben hatte er Progrady verlassen. In diesem kleinen Städtchen gab es keinen Fluß, nicht einmal einen Teich, nur Sümpfe ringsherum, und man hörte wohl unter der grünen Oberfläche das Wasser glucksen, aber man sah es niemals. Nissen Piczenik bildete sich ein, daß es einen geheimen Zusammenhang zwischen dem verborgenen Gewässer der Sümpfe und den gewaltigen Wassern der großen Meere gebe – und daß auch tief unten, in den Sümpfen, Korallen vorhanden sein könnten. Er wußte, daß er, wenn er diese Ansicht jemals geäußert hätte, zum Gespött des Städtchens geworden wäre. Er schwieg daher und erwähnte seine Ansichten nicht. Er träumte manchmal davon, daß das große Meer – er wußte nicht, welches, er hatte niemals eine Landkarte gesehen, und alle Meere der Welt waren für ihn einfach: das große Meer – eines Tages Rußland überschwemmen würde – und zwar just jene Hälfte, auf der er

lebte. Dann wäre also die See, zu der er niemals zu gelangen hoffte, zu ihm gekommen, die gewaltige unbekante See mit dem unmeßbaren Leviathan auf ihrem Grunde und mit all ihren süßen und herben und salzigen Geheimnissen.

Der Weg von dem Städtchen Progrody zum kleinen Bahnhof, in dem nur dreimal in der Woche die Züge ankamen, führte zwischen den Sümpfen vorbei. Und immer, auch wenn Nissen Piczenik keine Korallensendungen zu erwarten hatte, und selbst an den Tagen, an denen keine Züge kamen, ging er zum Bahnhof, das heißt, zu den Sümpfen. Am Rande des Sumpfes stand er eine Stunde und länger und hörte das Quaken der Frösche andächtig, als könnten sie ihm vom Leben auf dem Grunde der Sümpfe berichten, und glaubte manchmal in der Tat, allerhand Berichte empfangen zu haben. Im Winter, wenn die Sümpfe gefroren waren, wagte er sogar, seinen Fuß auf sie zu setzen, und das bereitete ihm ein sonderbares Vergnügen. Am faulen Geruch des Sumpfes erkannte er ahnungsvoll den gewaltig herben Duft des großen Meeres, und das leise kümmerliche Glucksen der unterirdischen Gewässer verwandelte sich in seinen hellhörigen Ohren in ein Rauschen der riesigen grünblauen Wogen. Im Städtchen Progrody aber wußte kein Mensch, was sich alles in der Seele des Korallenhändlers abspielte. Alle Juden hielten ihn für ihresgleichen. Der handelte mit Stoffen

und jener mit Petroleum; einer verkaufte Gebetmäntel, der andere Wachskerzen und Seife, der dritte Kopftücher für Bäuerinnen und Taschenmesser; einer lehrte die Kinder beten, der andere rechnen, der dritte handelte mit Kwas und Kukuruz und gesottenen Saubohnen. Und ihnen allen schien es, Nissen Piczenik sei ihresgleichen – nur handele er eben mit Korallen.

Indessen war er – wie man sieht – ein ganz Besonderer.

II

Er hatte arme und reiche Kunden, ständige und zufällige. Zu seinen reichen Kunden zählte er zwei Bauern aus der Umgebung, von denen der eine, nämlich Timon Semjonowitsch, Hopfen angepflanzt hatte und jedes Jahr, wenn die Kommissionäre aus Nürnberg, Saaz und Judenburg kamen, eine Menge glücklicher Abschlüsse machte. Der andere Bauer hieß Nikita Iwanowitsch. Der hatte nicht weniger als acht Töchter gezeugt, von denen eine nach der anderen heiratete und von denen jede Korallen brauchte. Die verheirateten Töchter – bis jetzt waren es vier – bekamen, kaum zwei Monate nach der Vermählung, Kinder – und es waren wieder Töchter – und auch diese brauchten Korallen; als Säuglinge schon, um den bösen Blick abzuwenden. Die Mitglieder dieser zwei Familien waren die vornehmsten Gäste im Hause Nissen Piczeniks. Für die Töchter beider Bauern, ihre Enkel und Schwiegersöhne hatte der Händler den guten Schnaps bereit, den er in seinem Kasten aufbewahrte, einen selbstgebrannten Schnaps,

gewürzt mit Ameisen, trockenen Schwämmen, Petersilie und Tausendgüldenkraut. Die anderen gewöhnlichen Kunden begnügten sich mit einem gewöhnlichen gekauften Wodka. Denn es gab in jener Gegend keinen richtigen Kauf ohne Trunk. Käufer und Verkäufer tranken, damit das Geschäft beiden Gewinn und Segen bringe. Auch Tabak lag in Haufen in der Wohnung des Korallenhändlers, vor dem Fenster, von feuchten Löschblättern überdeckt, damit er frisch bleibe. Denn die Kunden kamen zu Nissen Piczenik nicht, wie Menschen in einen Laden kommen, einfach, um die Ware zu kaufen, zu bezahlen und wieder wegzugehn. Die meisten Kunden hatten einen Weg von vielen Werst zurückgelegt, und sie waren nicht nur Kunden, sondern auch Gäste Nissen Piczeniks. Er gab ihnen zu trinken, zu rauchen und manchmal auch zu essen. Die Frau des Händlers kochte Kascha mit Zwiebeln, Borschtsch mit Sahne, sie briet Äpfel am Rost, Kartoffeln und im Herbst Kastanien. So waren die Kunden nicht nur Kunden, sondern auch Gäste im Hause Piczeniks. Manchmal mischten sich die Bäuerinnen, während sie nach passenden Korallen suchten, in den Gesang der Fädlerinnen; alle sangen sie zusammen, und sogar Nissen Piczenik begann, vor sich hin zu summen; und seine Frau rührte im Takt den Löffel am Herd. Kamen dann die Bauern vom Markt oder aus der Schenke, um ihre Frauen abzuholen und deren

Einkäufe zu bezahlen, so mußte der Korallenhändler auch mit ihnen Schnaps oder Tee trinken und eine Zigarette rauchen. Und jeder alte Kunde küßte sich mit dem Händler wie mit einem Bruder.

Denn wenn wir einmal getrunken haben, sind alle guten und redlichen Männer unsere Brüder, und alle lieben Frauen unsere Schwestern – und es gibt keinen Unterschied zwischen Bauer und Händler, Jud' und Christ; und wehe dem, der das Gegenteil behaupten wollte!

III

Jedes neue Jahr wurde Nissen Piczenik unzufriedener mit seinem friedlichen Leben, ohne daß es jemand in dem Städtchen Progrody gemerkt hätte. Wie alle Juden, ging auch der Korallenhändler zweimal jeden Tag, morgens und abends, ins Bethaus, feierte die Feiertage, fastete an den Fasttagen, legte Gebetriemen und Gebetmantel an, schaukelte seinen Oberkörper, unterhielt sich mit den Leuten, sprach von Politik, vom russisch-japanischen Krieg, überhaupt von allem, was in den Zeitungen stand und was die Welt bewegte. Aber die Sehnsucht nach dem Meere, der Heimat der Korallen, trug er im Herzen, und aus den Zeitungen, die zweimal in der Woche nach Progrody kamen, ließ er sich, da er sie nicht entziffern konnte, etwaige maritime Nachrichten zuerst vorlesen. Ähnlich wie von den Korallen hatte er vom Meer eine ganz besondere Vorstellung. Zwar wußte er, daß es viele Meere in der Welt gab, das wirkliche, eigentliche Meer aber war jenes, das man durchqueren mußte, um nach Amerika zu gelangen.

Nun ereignete es sich eines Tages, daß der Sohn des Barchenthändlers Alexander Komrower, der vor drei Jahren eingerückt und zur Marine gekommen war, auf einen kurzen Urlaub heimkehrte. Kaum hatte der Korallenhändler von der Rückkehr des jungen Komrower gehört, da erschien er auch schon in dessen Hause und begann, den Matrosen nach allen Geheimnissen der Schiffe, des Wassers und der Winde auszufragen. Während alle Welt in Prorody überzeugt war, daß sich der junge Komrower lediglich infolge seiner Dummheit auf die gefährlichen Ozeane hatte verschleppen lassen, betrachtete der Korallenhändler den Matrosen als einen begnadeten Jungen, dem die Ehre und das Glück zuteil geworden war, gewissermaßen ein Vertrauter der Korallen zu werden, ja, ein Verwandter der Korallen. Und man sah den fünfundvierzigjährigen Nissen Piczenik mit dem zweiundzwanzigjährigen Komrower Arm in Arm über den Marktplatz des Städtchens streichen, stundenlang. – Was will er vom Komrower? – fragten sich die Leute. – Was will er eigentlich von mir? – fragte sich auch der Junge.

Während des ganzen Urlaubs, den der junge Mann in Prorody verbringen durfte, wick der Korallenhändler fast nicht von seiner Seite. Sonderbar erschienen dem Jungen die Fragen des Älteren, wie zum Beispiel diese:

»Kann man mit einem Fernrohr bis auf den Grund des Meeres sehen?«

»Nein« – sagte der Matrose – »mit dem Fernrohr schaut man nur in die Weite, nicht in die Tiefe.«

»Kann man« – fragte Nissen Piczenik weiter – »wenn man Matrose ist, sich auf den Grund des Meeres fallen lassen?«

»Nein« – sagte der junge Komrower – »wenn man ertrinkt, dann sinkt man wohl auf den Grund des Meeres.«

»Der Kapitän kann's auch nicht?«

»Auch der Kapitän kann es nicht.«

»Hast du schon einen Taucher gesehen?«

»Manchmal« – sagte der Matrose.

»Steigen die Tiere und Pflanzen des Meeres manchmal an die Oberfläche?«

»Nur die Fische und die Walfische, die eigentlich keine Fische sind.«

»Beschreibe mir« – sagte Nissen Piczenik – »wie das Meer aussieht.«

»Es ist voller Wasser« – sagte der Matrose Komrower.

»Und ist es so weit, wie ein großes Land, eine weite Ebene zum Beispiel, auf der kein Haus steht?«

»So weit ist es – und noch weiter!« – sagte der junge Matrose. »Und es ist so, wie Sie sagen: eine weite Ebene, und hie und da sieht man ein Haus, das ist aber sehr selten, und es ist gar kein Haus, sondern ein Schiff.«

»Wo hast du die Taucher gesehen?«

»Es gibt bei uns« – sagte der Junge – »bei der Militärmarine Taucher. Aber sie tauchen nicht, um Perlen oder Austern oder Korallen zu fischen. Es ist eine militärische Übung, zum Beispiel für den Fall, daß ein Kriegsschiff untergeht, und dann müßte man wertvolle Instrumente oder Waffen herausholen.«

»Wieviel Meere gibt es in der Welt?«

»Das kann ich Ihnen nicht sagen« – erwiderte der Matrose – »wir haben es zwar in der Instruktionsstunde gelernt, aber ich habe nicht achtgegeben. Ich kenne nur das Baltische Meer, die Ostsee, das Schwarze Meer und den großen Ozean.«

»Welches Meer ist das tiefste?«

»Weiß ich auch nicht.«

»Wo finden sich die meisten Korallen?«

»Weiß ich auch nicht.«

»Hm, hm« – machte der Korallenhändler Piczenik – »schade, daß du es nicht weißt.«

Am Rande des Städtchens, dort, wo die Häuschen Progodys immer kümmerlicher wurden, bis sie schließlich ganz aufhörten und die weite bucklige Straße zum Bahnhof begann, stand die Schenke Podgorzews, ein schlecht beleumundetes Haus, in dem Bauern, Tagelöhner,

Soldaten, leichtfertige Mädchen und nichtswürdige Burschen verkehrten. Eines Tages sah man dort den Korallenhändler Piczenik mit dem Matrosen Komrower eintreten. Man reichte ihnen kräftigen, dunkelroten Met und gesalzene Erbsen. »Trink mein Junge! Trink und iß, mein Junge!« – sagte Nissen Piczenik väterlich zu dem Matrosen. Dieser trank und aß fleißig, denn so jung er auch war, so hatte er doch schon einiges in den Häfen gelernt, und nach dem Met gab man ihm einen schlechten sauren Wein und nach dem Wein einen neunziggrädigen Schnaps. Während er den Met trank, war er so schweigsam, daß der Korallenhändler fürchtete, er würde nie mehr etwas von dem Matrosen über die Wasser hören, sein Wissen sei einfach erschöpft. Nach dem Wein aber begann der kleine Komrower, sich mit dem Wirt Podgorzew zu unterhalten, und als der Neunziggrädige kam, sang er mit lauter Stimme ein Liedchen nach dem anderen, wie ein richtiger Matrose. »Bist du aus unserem lieben Städtchen?« – fragte der Wirt. – »Gewiß, ein Kind eures Städtchens – meines – unseres lieben Städtchens« – sagte der Matrose, ganz so, als wäre er nicht der Sohn des behägigen Juden Komrower, sondern ein ganzer Bauernjunge. Ein paar Tagediebe und Landstreicher setzten sich an den Tisch neben Nissen Piczenik und den Matrosen, und als der Junge das Publikum sah, fühlte er sich von einer

fremdartigen Würde erfüllt, so einer Würde, von der er gedacht hatte, nur Seeoffiziere könnten sie besitzen. Und er munterte die Leute auf: »Fragt, Kinderchen, fragt nur! Auf alles kann ich euch antworten. Seht, diesem lieben Onkel hier, ihr kennt ihn wohl, er ist der beste Korallenhändler im ganzen Gouvernement, ihm habe ich schon vieles erzählt!« Nissen Piczenik nickte. Und da es ihm nicht behaglich in dieser fremdartigen Gesellschaft war, trank er einen Met und noch einen. Allmählich kamen ihm all die verdächtigen Gesichter, die er immer nur durch seine Tür Luke gesehen hatte, ebenfalls menschlich vor wie sein eigenes. Da aber die Vorsicht und das Mißtrauen tief in seiner Brust eingewurzelt waren, ging er in den Hof hinaus und barg das Säckchen mit dem Silbergeld in der Mütze. Nur einige Münzen behielt er lose in der Tasche. Befriedigt von seinem Einfall und von dem beruhigenden Druck, den das Geldsäckchen unter der Mütze auf seinen Schädel ausübte, kehrte er wieder an den Tisch zurück.

Dennoch gestand er sich, daß er eigentlich selber nicht wußte, warum und wozu er hier in der Schenke mit dem Matrosen und den unheimlichen Gesellen saß. Hatte er doch sein ganzes Leben regelmäßig und unauffällig verbracht, und seine geheimnisvolle Liebe zu den Korallen und ihrer Heimat, dem Ozean, war bis zur Ankunft des

Matrosen und eigentlich bis zu dieser Stunde niemandem und niemals offenbar geworden. Und es ereignete sich noch etwas, was Nissen Piczenik aufs tiefste erschreckte. Er, der keineswegs gewohnt war, in Bildern zu denken, erlebte in dieser Vorstellung die Stunde, daß seine geheime Sehnsucht nach den Wassern und allem, was auf und unter ihnen lebte und geschah, auf einmal an die Oberfläche seines eigenen Lebens gelangte, wie zuweilen ein kostbares und seltsames Tier, gewohnt und heimisch auf dem Grunde des Meeres, aus unbekanntem Grunde an die Oberfläche emporschießt. Wahrscheinlich hatten der ungewohnte Met und die durch die Erzählungen des Matrosen befruchtete Phantasie des Korallenhändlers dieses Bild in ihm geweckt. Aber er erschrak und wunderte sich darüber, daß ihm derlei verrückte Einfälle kommen konnten, noch mehr, als über die Tatsache, daß er auf einmal imstande war, an einem Tisch in der Schenke mit wüsten Gesellen zu sitzen.

Diese Verwunderung und dieser Schrecken aber vollzogen sich gleichsam unter der Oberfläche seines Bewußtseins. Inzwischen hörte er sehr wohl mit eifrigem Vergnügen den märchenhaften Erzählungen des Matrosen Komrower zu. »Auf welchem Schiff dienst *du?*« – fragten ihn die Tischgenossen. Er dachte eine Weile nach – sein Schiff hieß nach einem bekannten Admiral aus dem neunzehnten

Jahrhundert, aber der Name schien ihm so gewöhnlich in diesem Augenblick wie sein eigener, Komrower war entschlossen, gewaltig zu imponieren – und er sagte also: »Mein Kreuzer heißt ›Mütterchen Katharina‹. Und wißt ihr, wer das war? Ihr wißt es natürlich nicht – und deshalb werde ich es euch erzählen. Also, Katharina war die schönste und reichste Frau von ganz Rußland, und deshalb heiratete sie der Zar eines Tages im Kreml in Moskau und führte sie sofort im Schlitten – es war ein Frost von 40 Grad – mit einem Sechsgespann direkt nach Zarskoje Selo. Und hinter ihnen fuhr das ganze Gefolge in Schlitten – und es waren so viele, daß die ganze Landstraße drei Tage und drei Nächte verstopft war. Eine Woche nach dieser prächtigen Hochzeit kam der gewalttätige und ungerechte König von Schweden in den Hafen von Petersburg, mit seinen lächerlichen hölzernen Kähnen, auf denen aber viele Soldaten standen – denn zu Lande sind die Schweden sehr tapfer –, und nichts weniger wollte dieser Schwede, als ganz Rußland erobern. Die Zarin Katharina aber bestieg unverzüglich ein Schiff, eben den Kreuzer, auf dem ich diene, und beschoß eigenhändig die blödsinnigen Kähne des schwedischen Königs, daß sie untergingen. Und ihm selbst warf sie einen Rettungsgürtel zu und nahm ihn später gefangen. Sie ließ ihm die Augen herausnehmen, aß sie auf, und dadurch wurde sie noch

klüger, als sie vorher gewesen war. Den König ohne Augen aber verschickte sie nach Sibirien.«

»Ei, ei« – sagte da ein Taugenichts und kratzte sich am Hinterkopf – »ich kann dir beim besten Willen nicht alles glauben.«

»Wenn du das noch einmal sagst« – erwiderte der Matrose Komrower – »so hast du die kaiserlich russische Marine beleidigt, und ich muß dich mit meiner Waffe erschlagen. So wisse denn, daß ich diese ganze Geschichte gelernt habe in unserer Instruktionsstunde, und Seine Hochwohlgeboren, unser Kapitän Woroschenko selbst, hat sie uns erzählt.«

Man trank noch Met und mehrere Schnäpse, und der Korallenhändler Nissen Piczenik bezahlte. Auch er hatte einiges getrunken, wenn auch nicht so viel wie die anderen. Aber als er auf die Straße trat, Arm in Arm mit dem jungen Komrower, schien es ihm, daß die Straßenmitte ein Fluß sei, die Wellen gingen auf und nieder, die spärlichen Petroleumlaternen waren Leuchttürme, und er mußte sich hart an den Rand halten, um nicht ins Wasser zu fallen. Der Junge schwankte fürchterlich. Ein Leben lang, fast seit seiner Kindheit, hatte Nissen Piczenik jeden Abend die vorgeschriebenen Abendgebete gesagt, das eine, das bei der Dämmerung zu beten ist, das andere, das den Einbruch

der Dunkelheit begrüßt. Heute hatte er zum erstenmal beide versäumt. Vom Himmel glitzerten ihm die Sterne vorwurfsvoll entgegen, er wagte nicht, seinen Blick zu heben. Zu Hause erwartete ihn die Frau und das übliche Nachtmahl, Rettich mit Gurken und Zwiebeln, und ein Schmalzbrot, ein Glas Kwas und heißer Tee. Er schämte sich mehr vor sich selbst als vor den anderen. Es war ihm von Zeit zu Zeit, während er so dahinging, den schweren, torkelnden jungen Mann am Arm, als begegnete er sich selbst, der Korallenhändler Nissen Piczenik dem Korallenhändler Nissen Piczenik – und einer lachte den anderen aus. Immerhin vermied er außerdem noch, andern Menschen zu begegnen. Dieses gelang ihm. Er begleitete den jungen Komrower nach Hause, führte ihn ins Zimmer, wo die alten Komrowers saßen, und sagte: »Seid nicht böse mit ihm, ich war mit ihm in der Schenke, er hat ein wenig getrunken.«

»Ihr, Nissen Piczenik, der Korallenhändler, wart mit ihm in der Schenke?« – fragte der alte Komrower.

»Ja, ich!« – sagte Piczenik. – »Guten Abend!« – Und er ging nach Hause. Noch saßen alle seine schönen Fädlerinnen an den vier Tischen singend und Korallen fischend mit ihren feinen Nadeln in den zarten Händen.

»Gib mir gleich den Tee« – sagte Nissen Piczenik zu seiner Frau – »ich muß arbeiten.«

Und er schlürfte den Tee, und während sich seine heißen Finger in die großen, noch nicht sortierten Korallenhaufen gruben und in ihrer wohltätigen rosigen Kühle wühlten, wandelte sein armes Herz über die weiten und rauschenden Straßen der gewaltigen Ozeane.

Und es brannte und rauschte in seinem Schädel. Er nahm aber vernünftigerweise die Mütze ab, holte das Geldsäckchen heraus und barg es wieder an seiner Brust.

IV

Und es näherte sich der Tag, an dem der Matrose Komrower wieder auf seinen Kreuzer einrücken mußte, und zwar nach Odessa – und es war dem Korallenhändler weh und bang ums Herz. In ganz Progrody ist der junge Komrower der einzige Seemann, und Gott weiß, wann er wieder einen Urlaub erhalten wird. Fährt er einmal weg, so hört man weit und breit nichts mehr von den Wassern der Welt, es sei denn, es steht zufällig etwas in den Zeitungen.

Es war spät im Sommer, ein heiterer Sommer übrigens, ohne Wolke, ohne Regen, von dem ewig sanften Wind der wolhynischen Ebene belebt und gekühlt. Zwei Wochen noch – und die Ernte begann, und die Bauern aus den Dörfern kamen nicht mehr zu den Markttagen, Korallen bei Nissen Piczenik einzukaufen. In diesen Wochen war die Saison der Korallen. In diesen Wochen pflegten die Kundinnen in Scharen und in Haufen zu kommen, die Fädlerinnen konnten mit der Arbeit kaum nachkommen,

es gab nächtelang zu fädeln und zu sortieren. An den schönen Vorabenden, wenn die untergehende Sonne ihren goldenen Abschiedsgruß durch die vergitterten Fenster Piczeniks schickte und die Korallenhaufen jeder Art und Färbung von ihrem wehmütigen und zugleich tröstlichen Glanz belebt zu leuchten begannen, als trüge jedes einzelne Steinchen ein winziges Licht in seiner feinen Höhlung, kamen die Bauern, heiter und angeheitert, um die Bäuerinnen abzuholen, die blauen und rötlichen Taschentücher gefüllt mit Silber- und Kupfermünzen, in schweren genagelten Stiefeln, die auf den Steinen des Hofes knirschten. Die Bauern begrüßten Nissen Piczenik mit Umarmungen, Küssen, unter Lachen und Weinen, als fänden sie in ihm einen lang nicht mehr geschauten, langentbehrten Freund nach Jahrzehnten wieder. Sie meinten es gut mit ihm, sie liebten ihn sogar, diesen stillen, langaufgeschossenen, rothaarigen Juden mit den treuherzigen und manchmal verträumten porzellanblauen Äuglein, in denen die Ehrlichkeit wohnte, die Redlichkeit des Handelns, die Klugheit des Fachmanns und zugleich die Torheit eines Menschen, der niemals das Städtchen Progrody verlassen hatte. Es war nicht leicht, mit den Bauern fertig zu werden. Denn obwohl sie den Korallenhändler als einen der seltenen ehrlichen Handelsleute der Gegend kannten, dachten sie doch immer daran, daß er ein Jude war. Auch machte ihnen das

Feilschen einiges Vergnügen. Zuerst setzten sie sich behaglich auf die Stühle, das Kanapee, die zwei breiten hölzernen und mit hohen Polstern bedeckten Ehebetten. Manche lagerten sich auch mit den Stiefeln, an deren Rändern der silbergraue Schlamm klebte, auf die Betten, das Sofa und auch auf den Boden. Aus den weiten Taschen ihrer sackleinenen Hosen oder von den Vorräten auf dem Fensterbrett holten sie den losen Tabak, rissen die weißen Ränder alter Zeitungen ab, die im Zimmer Piczeniks herumlagen, und drehten Zigaretten – denn auch den Wohlhabenden unter ihnen schien Zigarettenpapier ein Luxus. Ein dichter blauer Rauch von billigem Tabak und grobem Papier erfüllte die Wohnung des Korallenhändlers, ein goldig durchsonnter blauer Rauch, der in kleinen Wölkchen durch die Quadrate der vergitterten und geöffneten Fenster langsam in die Straße zog. In zwei kupfernen Samowaren – auch in ihnen spiegelte sich die untergehende Sonne – kochte heißes Wasser auf einem der Tische in der Mitte des Zimmers, und nicht weniger als fünfzig billige Gläser aus grünlichem Glas mit doppeltem Boden gingen reihum von Hand zu Hand, gefüllt mit dampfendem braungoldenem Tee und mit Schnaps. Längst, am Vormittag noch, hatten die Bäuerinnen stundenlang den Preis der Korallenketten ausgehandelt. Nun erschien der Schmuck ihren Männern noch zu teuer, und aufs neue begann das Feilschen. Es war

ein hartnäckiger Kampf, den der magere Jude allein gegen eine gewaltige Mehrzahl geiziger und mißtrauischer, kräftiger und manchmal gefährlich betrunkenen Männer auszufechten hatte. Unter dem seidenen schwarzen Käppchen, das Nissen Piczenik im Hause zu tragen pflegte, rann der Schweiß die spärlich bewachsenen, sommersprossigen Wangen hinunter, in den roten Ziegenbart, und die Härchen des Bartes klebten aneinander, am Abend, nach dem Gefecht, und er mußte sie mit seinem eisernen Kämmchen strählen. Schließlich siegte er doch über alle seine Kunden, trotz seiner Torheit. Denn er kannte von der ganzen großen Welt nur die Korallen und die Bauern seiner Heimat – und er wußte, wie man jene fädelt und sortiert und wie man diese überzeugt. Den ganz und gar Hartnäckigen schenkte er eine sogenannte »Draufgabe« – das heißt: er gab ihnen, nachdem sie den von ihm zwar nicht sofort genannten, aber im stillen ersehnten Preis gezahlt hatten, noch ein winziges Korallenschnürchen mit, aus den billigen Steinen hergestellt, Kindern zgedacht, um Ärmchen und Hälschen zu tragen und unbedingt wirksam gegen den bösen Blick mißgünstiger Nachbarn und schlechtgesinnter Hexen. Dabei mußte er genau auf die Hände seiner Kunden achtgeben und die Höhe und den Umfang der Korallenhaufen immer abschätzen. Ach, es war kein leichter Kampf!

In diesem Spätsommer aber zeigte sich Nissen Piczenik zerstreut, achtlos beinahe, ohne Interesse für die Kunden und das Geschäft. Seine brave Frau, gewohnt an seine Schweigsamkeit und sein merkwürdiges Wesen seit vielen Jahren, bemerkte seine Zerstreutheit und machte ihm Vorwürfe. Hier hatte er einen Bund Korallen zu billig verkauft, dort einen kleinen Diebstahl nicht bemerkt, heute einem alten Kunden keine Draufgabe geschenkt, gestern dagegen einem neuen und gleichgültigen eine ziemlich wertvolle Kette. Niemals hatte es Streit im Hause Piczeniks gegeben. In diesen Tagen aber verließ die Ruhe den Korallenhändler, und er fühlte selbst, wie die Gleichgültigkeit, die normale Gleichgültigkeit gegen seine Frau sich jäh in Widerwillen gegen sie wandelte. Ja, er, der niemals imstande gewesen wäre, eine der vielen Mäuse, die jede Nacht in seine Fallen gingen, mit eigener Hand zu ertränken – wie alle Welt es in Progrody zu tun pflegte –, sondern die gefangenen Tierchen dem Wasserträger Saul zur endgültigen Vernichtung gegen ein Trinkgeld übergab: er, dieser friedliche Nissen Piczenik, warf an einem dieser Tage seiner Frau, da sie ihm die üblichen Vorwürfe machte, einen schweren Bund Korallen an den Kopf, schlug die Tür zu, verließ das Haus und ging an den Rand des großen Sumpfes, des entfernten Vettters der großen Ozeane.

Knapp zwei Tage vor der Abreise des Matrosen tauchte plötzlich in dem Korallenhändler der Wunsch auf, den jungen Komrower nach Odessa zu begleiten. Solch ein Wunsch kommt plötzlich, ein gewöhnlicher Blitz ist nichts dagegen, und er trifft genau den Ort, von dem er gekommen ist, nämlich das menschliche Herz. Er schlägt sozusagen in seinem eigenen Geburtsort ein. Also war auch der Wunsch Nissen Piczeniks. Und es ist kein weiter Weg von solch einem Wunsch bis zu seinem Entschluß.

Und am Morgen des Tages, an dem der junge Matrose Komrower abreisen sollte, sagte Nissen Piczenik zu seiner Frau:

»Ich muß für ein paar Tage verreisen.«

Die Frau lag noch im Bett. Es war acht Uhr morgens, der Korallenhändler war eben aus dem Bethaus vom Morgengebet gekommen.

Sie setzte sich auf. Mit ihren wirren spärlichen Haaren, ohne Perücke, gelbliche Reste des Schlafs in den Augenwinkeln, erschien sie ihm fremd und sogar feindlich. Ihr Aussehn, ihre Überraschung, ihr Schrecken schienen seinen Entschluß, den er selbst noch für einen tollkühnen gehalten hatte, vollends zu rechtfertigen.

»Ich fahre nach Odessa!« – sagte er, mit aufrichtiger Gehässigkeit. – »In einer Woche bin ich zurück, so Gott will!«

»Jetzt? Jetzt?« – stammelte die Frau, zwischen den Kissen – »jetzt, wo die Bauern kommen?«

»Grade jetzt!« – sagte der Korallenhändler. – »Ich habe wichtige Geschäfte. Pack mir meine Sachen!«

Und mit einer bösen und gehässigen Wollust, die er niemals früher gekannt hatte, sah er die Frau aus dem Bett steigen, sah ihre häßlichen Zehen, ihre fetten Beine unter dem langen Hemd, auf dem ein paar schwarze, unregelmäßige Punkte hingesprenkelt waren, Zeichen der Flöhe, und hörte er ihren altbekannten Seufzer, das gewohnte beständige Morgenlied dieses Weibes, mit dem ihn nichts anderes verband als die ferne Erinnerung an ein paar zärtliche nächtliche Stunden und die hergebrachte Angst vor einer Scheidung.

Im Innern Nissen Piczeniks aber jubelte gleichzeitig eine fremde und dennoch wohlvertraute Stimme: Piczenik geht zu den Korallen! Er geht zu den Korallen! In die Heimat der Korallen geht Nissen Piczenik! ...

V

Er bestieg also mit dem Matrosen Komrower den Zug und fuhr nach Odessa. Es war eine ziemlich umständliche und lange Reise, man mußte in Kiew umsteigen. Der Korallenhändler saß zum erstenmal in seinem Leben in der Eisenbahn, aber ihm ging es nicht wie so vielen anderen, die zum erstenmal Eisenbahn fahren. Lokomotive, Signal, Glocken, Telegraphenstangen, Schienen, Schaffner und die flüchtige Landschaft hinter den Fenstern interessierten ihn nicht. Ihn beschäftigte das Wasser und der Hafen, denen er entgegenfuhr, und wenn er überhaupt etwas von den Eigenschaften und Begleiterscheinungen der Eisenbahn zur Kenntnis nahm, so tat er es lediglich im Hinblick auf die ihm noch unbekanntem Eigenschaften und Begleiterscheinungen der Schifffahrt. »Gibt es bei euch auch Glocken?« – fragte er den Matrosen. »Läutet man dreimal vor der Abfahrt eines Schiffes? Pfeifen und tuten die Schiffe, wie die Lokomotiven? Muß das Schiff wenden, wenn es

zurückfahren will, oder kann es ganz einfach rückwärts schwimmen?»

Gewiß traf man, wie es auf Reisen ja immer vorkommt, unterwegs Passagiere, die sich unterhalten wollten und mit denen man dies und jenes besprechen mußte. »Ich bin Korallenhändler« – sagte Nissen Piczenik wahrheitsgemäß, wenn man ihn nach der Art seiner Geschäfte fragte. Fragte man ihn aber weiter: »Was wollen Sie in Odessa?« – so begann er zu lügen. »Ich habe dort größere Geschäfte vor«, sagte er. »Das interessiert mich« – sagte plötzlich ein Mitreisender, der bis jetzt geschwiegen hatte. »Auch ich habe in Odessa größere Geschäfte vor, und die Ware, mit der ich handle, ist sozusagen mit Korallen verwandt, wenn auch viel feiner und teurer als Korallen!« – »Teurer, das kann sein«, sagte Nissen Piczenik – »aber feiner ist sie keineswegs.« – »Wetten, daß sie feiner ist?« rief der andere. – »Ich sage Ihnen, es ist unmöglich. Da braucht man gar nicht zu wetten!« – »Nun« – triumphtierte der andere – »ich handle mit Perlen!« – »Perlen sind gar nicht feiner« – sagte Piczenik. »Außerdem bringen sie Unglück.« – »Ja, wenn man sie verliert« – sagte der Perlenhändler. Alle anderen begannen, diesem sonderbaren Streit aufmerksam zuzuhören. Schließlich öffnete der Perlenhändler seine Hose und zog ein Säckchen voll schimmernder tadelloser Perlen

hervor. Er schüttete einige auf seine flache Hand und zeigte sie allen Mitreisenden. »Hunderte von Austern müssen aufgemacht werden«, sagte er, »ehe man eine Perle findet. Die Taucher werden teuer bezahlt. Unter allen Kaufleuten der Welt gehören wir Perlenhändler zu den angesehensten. Ja, wir bilden sozusagen eine ganz eigene Rasse. Sehen Sie mich, zum Beispiel. Ich bin Kaufmann erster Gilde, wohne in Petersburg, habe die vornehmste Kundschaft, zwei Großfürsten zum Beispiel, ihre Namen sind mein Geschäftsgeheimnis, ich bereise die halbe Welt, jedes Jahr bin ich in Paris, Brüssel, Amsterdam. Fragen Sie, wo Sie wollen, nach dem Perlenhändler Gorodotzki, Kinder werden Ihnen Auskunft geben.«

»Und ich« – sagte Nissen Piczenik – »bin niemals aus unserem Städtchen Progrody herausgekommen und nur Bauern kaufen meine Korallen. Aber Sie werden mir alle hier zugeben, daß eine einfache Bäuerin, angetan mit ein paar Schnüren schöner fleckenloser Korallen, mehr darstellt als eine Großfürstin. Korallen trägt übrigens hoch und nieder, sie erhöhen den Niederen und den Höhergestellten zieren sie. Korallen kann man morgens, mittags, abends, und in der Nacht, bei festlichen Bällen zum Beispiel tragen, im Sommer, im Winter, am Sonntag und an Wochentagen, bei der Arbeit und in der Ruhe, in fröhlichen Zeiten und in der

Trauer. Es gibt viele Arten von Rot in der Welt, meine lieben Reisegenossen, und es steht geschrieben, daß unser jüdischer König Salomo ein ganz besonderes Rot hatte für seinen königlichen Mantel, denn die Phönizier, die ihn verehrten, hatten ihm einen ganz besonderen Wurm geschenkt, dessen Natur es war, rote Farbe als Urin auszuscheiden. Es war eine Farbe, die heutzutage nicht mehr da ist, der Purpur des Zaren ist nicht mehr dasselbe, der Wurm ist nämlich nach dem Tode Salomons ausgestorben, die ganze Art dieser Würmer. Und seht ihr, nur bei den ganz roten Korallen kommt diese Farbe noch vor. Wo aber in der Welt hat man je rote Perlen gesehen?«

Noch niemals hatte der schweigsame Korallenhändler eine so lange und so eifrige Rede vor lauter fremden Menschen gehalten. Er schob die Mütze aus der Stirn und wischte sich den Schweiß. Er lächelte die Mitreisenden der Reihe nach an, und alle zollten sie ihm den verdienten Beifall. »Recht hat er, recht!« riefen sie alle auf einmal.

Und selbst der Perlenhändler mußte gestehn, daß Nissen Piczenik in der Sache zwar nicht recht habe, aber als Redner für Korallen ganz ausgezeichnet sei.

Schließlich erreichten sie Odessa, den strahlenden Hafen, mit dem blauen Wasser und den vielen bräutlichweißen Schiffen. Hier wartete schon der Panzerkreuzer

auf den Matrosen Komrower wie ein väterliches Haus auf seinen Sohn. Auch Nissen Piczenik wollte das Schiff näher besichtigen. Und er ging mit dem Jungen bis zum Wachtposten und sagte: »Ich bin sein Onkel, ich möchte das Schiff sehn.« Er verwunderte sich selbst über seine Kühnheit. Ach ja: es war nicht mehr der alte kontinentale Nissen Piczenik, der da mit einem bewaffneten Matrosen sprach, es war nicht der Nissen Piczenik aus dem kontinentalen Prorody, sondern ein ganz neuer Mann, so etwa wie ein Mensch, dessen Inneres nach außen gestülpt worden war, ein sozusagen gewendeter Mensch, ein ozeanischer Nissen Piczenik. Ihm selbst schien es, daß er nicht aus der Eisenbahn gestiegen war, sondern geradezu aus dem Meer, aus der Tiefe des Schwarzen Meeres. So vertraut war er mit dem Wasser, wie er niemals mit seinem Geburts- und Wohnort Prorody vertraut gewesen war. Überall, wo er hinsieht, sind Schiffe und Wasser, Wasser und Schiffe. An die blütenweißen, die rabenschwarzen, die korallenroten – ja die korallenroten – Wände der Schiffe, der Boote, der Kähne, der Segeljachten, der Motorboote schlägt zärtlich das ewig plätschernde Wasser, nein, es schlägt nicht, es streichelt die Schiffe mit hunderttausend kleinen Wellchen, die wie Zungen und Hände in einem sind, Zünglein und Händchen in einem. Das Schwarze Meer ist gar nicht schwarz. In der Ferne ist es

blauer als der Himmel, in der Nähe ist es grün wie eine Wiese. Tausende kleiner hurtiger Fischchen springen, hüpfen, schlüpfen, schlängeln sich, schießen und fliegen herbei, wirft man ein Stückchen Brot ins Wasser. Wolkenlos spannt sich der blaue Himmel über den Hafen. Ihm entgegen ragen die Mäste und die Schornsteine der Schiffe. »Was ist dies? – Wie heißt man jenes?« – fragt unaufhörlich Nissen Piczenik. Dies heißt Mast und jenes Bug, hier sind Rettungsgürtel, Unterschiede gibt es zwischen Boot und Kahn, Segel und Dampfer, Mast und Schlot, Kreuzer und Handelsschiff, Deck und Heck, Bug und Kiel. Hundert neue Worte stürmen geradezu auf Nissen Piczeniks armen, aber heiteren Kopf ein. Er bekommt nach langem Warten (ausnahmsweise, sagt der Obermaat) die Erlaubnis, den Kreuzer zu besichtigen und seinen Neffen zu begleiten. Der Herr Schiffsleutnant selbst erscheint, um einen jüdischen Händler an Bord eines Kreuzers der kaiserlich-russischen Marine zu betrachten. Seine Hochwohlgeboren, der Schiffsleutnant, lächeln. Der sanfte Wind bläht die langen schwarzen Rockschöße des hageren roten Juden, man sieht seine abgewetzte, mehrfach geflickte gestreifte Hose in den matten Kniestiefeln. Der Jude Nissen Piczenik vergißt sogar die Gebote seiner Religion. Vor der strahlenden weißgoldenen Pracht des Offiziers nimmt er die schwarze Mütze ab, und seine roten geringelten Haare

flattern im Wind. »Dein Neffe ist ein braver Matrose!« sagen seine Hochwohlgeboren, der Herr Offizier. Nissen Piczenik findet keine passende Antwort, er lächelt nur, er lacht nicht, er lächelt lautlos. Sein Mund ist offen, man sieht die großen gelblichen Pferdezähne und den rosa Gaumen, und der kupferrote Ziegenbart hängt beinahe über der Brust. Er betrachtet das Steuer, die Kanonen, er darf durch das Fernrohr blicken – und weiß Gott, die Ferne wird nahe, was noch lange nicht da ist, ist dennoch da, hinter den Gläsern. Gott hat den Menschen Augen gegeben, das ist wahr, aber was sind gewöhnliche Augen gegen Augen, die durch ein Fernglas sehn? Gott hat den Menschen Augen gegeben, aber auch den Verstand, damit sie Fernrohre erfinden und die Kraft dieser Augen verstärken! – Und die Sonne scheint auf das Verdeck, bestrahlt den Rücken Nissen Piczeniks, und dennoch ist ihm nicht heiß. Denn der ewige Wind weht über das Meer, ja es scheint, daß aus dem Meer selbst ein Wind kommt, ein Wind aus den Tiefen des Wassers.

Schließlich kam die Stunde des Abschieds. Nissen Piczenik umarmte den jungen Komrower, verneigte sich vor dem Leutnant und hierauf vor den Matrosen und verließ den Panzerkreuzer.

Er hatte sich vorgenommen, sofort nach dem Abschied vom jungen Komrower nach Progrady zurückzufahren.

Aber er blieb dennoch in Odessa. Er sah den Panzerkreuzer abfahren, die Matrosen grüßten ihn, der am Hafen stand und mit seinem blauen rotgestreiften Taschentuch winkte. Er sah noch viele andere Schiffe abfahren, und er winkte allen fremden Passagieren zu. Denn er ging jeden Tag zum Hafen. Und jeden Tag erfuhr er etwas Neues. Er hörte zum Beispiel, was es heißt: die Anker lichten, oder: die Segel einziehen, oder: Ladung löschen, oder: Taue anziehen, und so weiter.

Er sah jeden Tag viele junge Männer in Matrosenanzügen auf den Schiffen arbeiten, die Masten emporklettern, er sah die jungen Männer durch die Straßen von Odessa wandeln, Arm in Arm, eine ganze Kette von Matrosen, die die ganze Breite der Straße einnahm – und es fiel ihm schwer aufs Herz, daß er selbst keine Kinder hatte. Er wünschte sich in diesen Stunden Söhne und Enkel – und es war kein Zweifel – er hätte sie alle zur See geschickt, Matrosen wären sie geworden. Indessen lag, unfruchtbar und häßlich, seine Frau daheim, in Prorody. Sie verkaufte heute an seiner Statt Korallen. Konnte sie es überhaupt? Wußte sie, was Korallen bedeuten?

Und Nissen Piczenik vergaß schnell im Hafen von Odessa die Pflichten eines gewöhnlichen Juden aus Prorody. Und er ging nicht am Morgen und nicht am Abend ins Bethaus, die vorgeschriebenen Gebete zu verrichten, sondern er betete zu Hause, sehr eifertig und ohne echte und rechte

Gedanken an Gott, und wie ein Grammophon betete er lediglich, die Zunge wiederholte mechanisch die Laute, die in sein Gehirn eingegraben waren. Hatte die Welt jemals solch einen Juden gesehen?

Zu Haus, in Progrody, war indessen die Saison für Korallen. Dies wußte Nissen Piczenik wohl, aber es war ja nicht mehr der alte kontinentale Nissen Piczenik, sondern der neue, der neugeborene ozeanische.

Ich habe Zeit genug – sagte er sich –, nach Progrody zurückzukehren! Was hätte ich dort schon zu verlieren! Und wieviel habe ich hier noch zu gewinnen!

Und er blieb drei Wochen in Odessa, und er erlebte jeden Tag mit dem Meer, mit den Schiffen, mit den Fischchen fröhliche Stunden.

Es waren die ersten Ferien im Leben Nissen Piczeniks.

VI

Als er wieder nach Hause, nach Progrody kam, bemerkte er, daß ihm nicht weniger als hundertsechzig Rubel fehlten, Reisespesen mit eingerechnet. Seiner Frau aber und allen andern, die ihn fragten, was er so lange in der Fremde getrieben habe, sagte er, daß er in Odessa »wichtige Geschäfte« abgeschlossen hätte.

In dieser Zeit begann die Ernte, und die Bauern kamen nicht mehr so häufig zu den Markttagen. Es wurde, wie alle Jahre in diesen Wochen, stiller im Hause des Korallenhändlers. Die Fädlerinnen verließen schon am Vorabend sein Haus. Und am Abend, wenn Nissen Piczenik aus dem Bethaus heimkehrte, erwartete ihn nicht mehr der helle Gesang der schönen Mädchen, sondern lediglich seine Frau, der gewohnte Teller mit Zwiebeln und Rettich und der kupferne Samowar.

Dennoch – in der Erinnerung nämlich an die Tage in Odessa, von deren geschäftlicher Fruchtlosigkeit kein anderer Mensch außer ihm selber eine Ahnung hatte – fügte sich der

Korallenhändler Piczenik in die gewöhnlichen Gesetze seiner herbstlichen Tage. Schon dachte er daran, einige Monate später neuerdings wichtige Geschäfte vorzuschützen und in eine andere Hafenstadt zu reisen, zum Beispiel Petersburg.

Materielle Not hatte er nicht zu fürchten. Alles Geld, das er im Verlauf seines langjährigen Handels mit Korallen zurückgelegt hatte, lag, unaufhörlich Zinsen gebärend, bei dem Geldverleiher Pinkas Warschawsky, einem angesehenen Wucherer der Gemeinde, der unbarmherzig alle Schulden eintrieb, aber pünktlich alle Zinsen auszahlte. Körperliche Not hatte Nissen Piczenik nicht zu fürchten; und kinderlos war er und hatte also für keine Nachkommen zu sorgen. Weshalb da nicht noch nach einem der vielen Häfen reisen?

Und schon begann der Korallenhändler, seine Pläne für den nächsten Frühling zu spinnen, als sich etwas Ungewöhnliches in dem benachbarten Städtchen Sutschky ereignete.

In diesem Städtchen, das genauso klein war wie die Heimat Nissen Piczeniks, das Städtchen Progrody, eröffnete nämlich eines Tages ein Mann, den niemand in der ganzen Gegend bis jetzt gekannt hatte, einen Korallenladen. Dieser Mann hieß Jenö Lakatos und stammte, wie man bald erfuhr, aus dem fernen Lande Ungarn. Er sprach Russisch, Deutsch, Ukrainisch, Polnisch, ja, nach Bedarf und wenn es

zufällig einer gewünscht hätte, so hätte Herr Lakatos auch Französisch, Englisch und Chinesisch gesprochen. Es war ein junger Mann, mit glatten, blauschwarzen, pomadisierten Haaren – nebenbei gesagt der einzige Mann weit und breit in der Gegend, der einen glänzenden steifen Kragen trug, eine Krawatte und ein Spazierstöckchen mit goldenem Knauf. Dieser junge Mann war vor ein paar Wochen nach Sutschky gekommen, hatte dort Freundschaft mit dem Schlächter Nikita Kolchin geschlossen und diesen so lange behandelt, bis er sich entschloß, gemeinsam mit Lakatos einen Korallenhandel zu beginnen. Die Firma mit dem knallroten Schild lautete: N. Kolchin & Compagnie.

Im Schaufenster dieses Ladens leuchteten tadellose rote Korallen, leichter zwar an Gewicht als die Steine Nissen Piczeniks, aber dafür um so billiger. Ein ganzer großer Bund Korallen kostete einen Rubel fünfzig, Ketten gab es für zwanzig, fünfzig, achtzig Kopeken. Die Preise standen im Schaufenster des Ladens. Und damit ja niemand an diesem Laden vorbeigehe, spielte drinnen den ganzen Tag ein Phonograph heiter grölende Lieder. Man hörte sie im ganzen Städtchen und weiter – in den umliegenden Dörfern. Es gab zwar keinen großen Markt in Sutschky wie etwa in Prorody. Dennoch – und trotz der Erntezeit – kamen die

Bauern zum Laden des Herrn Lakatos, die Lieder zu hören und die billigen Korallen zu kaufen.

Nachdem dieser Herr Lakatos ein paar Wochen sein anziehendes Geschäft betrieben hatte, erschien eines Tages ein wohlhabender Bauer bei Nissen Piczenik und sagte: »Nissen Semjonowitsch, ich kann nicht glauben, daß du mich und andere seit 20 Jahren betrügst. Jetzt aber gibt es in Sutschky einen Mann, der verkauft die schönsten Korallenschnüre, fünfzig Kopeken das Stück. Meine Frau wollte schon hinfahren – aber ich habe gedacht, man müsse zuerst dich fragen, Nissen Semjonowitsch.«

»Dieser Lakatos« – sagte Nissen Piczenik – »ist gewiß ein Dieb und ein Schwindler. Anders kann ich mir seine Preise nicht erklären. Aber ich werde selbst hinfahren, wenn du mich auf deinem Wagen mitnehmen willst.«

»Gut«, sagte der Bauer. – »Überzeuge dich selbst.«

Also fuhr der Korallenhändler nach Sutschky, stand eine Weile vor dem Schaufenster, hörte die grölenden Lieder aus dem Innern des Ladens, trat schließlich ein und begann, mit Herrn Lakatos zu sprechen.

»Ich bin selbst Korallenhändler« – sagte Nissen Piczenik. – »Meine Waren kommen aus Hamburg, Odessa, Triest, Amsterdam. Ich begreife nicht, warum und wieso Sie so billige und schöne Korallen verkaufen können.«

»Sie sind von der alten Generation« – erwiderte Lakatos – »und, entschuldigen Sie mir den Ausdruck: ein bißchen zurückgeblieben.«

Währenddessen kam Lakatos hinter dem Ladentisch hervor – und Nissen Piczenik sah, daß er etwas hinkte. Offenbar war sein linkes Bein kürzer, denn er trug am linken Stiefel einen doppelt so hohen Absatz wie am rechten. Er duftete gewaltig und betäubend – und man wußte nicht, wo eigentlich an seinem schwächtigen Körper die Quelle all seiner Düfte untergebracht war. Blauschwarz wie eine Nacht waren seine Haare. Und seine dunklen Augen, die man im ersten Moment für sanft hätte halten können, glühten von Sekunde zu Sekunde so stark, daß eine merkwürdige Brandröte mitten in ihrer Schwärze aufglühte. Unter dem schwarzen gezwirbelten Schnurrbärtchen lächelten weiß und schimmernd die Mausezähnen des Lakatos.

»Nun?« – fragte der Korallenhändler Nissen Piczenik.

»Ja, nun« – sagte Lakatos – »wir sind nicht verrückt. Wir tauchen nicht auf die Gründe der Meere. Wir stellen einfach künstliche Korallen her. Meine Firma heißt: Gebrüder Lowncastle, New York. In Budapest habe ich zwei Jahre mit Erfolg gearbeitet. Die Bauern merken nichts. Nicht die Bauern in Ungarn, erst recht nicht die Bauern in Rußland. Schöne, rote, tadellose Korallen wollen sie. Hier

sind sie. Billig, wohlfeil, schön, schmückend. Was will man mehr? Echte Korallen können nicht so schön sein!«

»Woraus sind Ihre Korallen gemacht?« – fragte Nissen Piczenik.

»Aus Zelluloid, mein Lieber, aus Zelluloid!« – rief Lakatos entzückt. »Sagen Sie mir nur nichts gegen die Technik! Sehn Sie: in Afrika wachsen die Gummibäume, aus Gummi macht man Kautschuk und Zelluloid. Ist das Unnatur? Sind Gummibäume weniger Natur als Korallen? Ist ein Baum in Afrika weniger Natur als ein Korallenbaum auf dem Meeresgrund? – Was nun, was sagen Sie nun? – Wollen wir zusammen Geschäfte machen? – Entscheiden Sie sich! Von heute in einem Jahr haben Sie infolge meiner Konkurrenz alle Ihre Kunden verloren – und Sie können mit allen Ihren echten Korallen wieder auf den Meeresgrund gehn, woher die schönen Steinchen kommen. Sagen Sie: ja oder nein?«

»Lassen Sie mir zwei Tage Zeit« – sagte Nissen Piczenik.

Und er fuhr nach Hause.

VII

Auf diese Weise versuchte der Teufel den Korallenhändler Nissen Piczenik zum erstenmal. Der Teufel hieß Jenö Lakatos aus Budapest, und er führte die falschen Korallen im russischen Lande ein, die Korallen aus Zelluloid, die so bläulich brennen, wenn man sie anzündet, wie das Heckenfeuer, das ringsum die Hölle umsäumt.

Als Nissen Piczenik nach Hause kam, küßte er gleichgültig sein Weib auf beide Wangen, begrüßte die Fädlerinnen und begann, mit einigermaßen verwirrten, vom Teufel verwirrten Augen, seine lieben Korallen zu betrachten, die lebendigen Korallen, die lange nicht so tadellos aussahen, wie die falschen Steine aus Zelluloid des Konkurrenten Jenö Lakatos. Und der Teufel gab dem redlichen Korallenhändler Nissen Piczenik den Gedanken ein, unter die echten Korallen falsche zu mischen.

Also ging er eines Tages zur Post und diktierte dem öffentlichen Schreiber einen Brief an Jenö Lakatos in Sutschky, so daß dieser ihm ein paar Tage später nicht weniger als

zwanzig Pud falscher Korallen schickte. Nun, man weiß, daß Zelluloid ein leichtes Material ist, und zwanzig Pud falscher Korallen ergeben eine Menge von Schnüren und Bündeln. Nissen Piczenik, vom Teufel verführt und geblendet, mischte die falschen Korallen unter die echten, dermaßen einen Verrat ühend an sich selbst und an den echten Korallen.

Ringsum im Lande hatte die Ernte bereits begonnen, und es kamen fast keine Bauern mehr, Korallen einzukaufen. Aber an den seltenen, die hie und da erschienen, verdiente Nissen Piczenik jetzt mehr, dank den falschen Korallen, als er vorher an den zahlreichen Kunden verdient hatte. Er mischte Echtes mit Falschem – und das war noch schlimmer, als wenn er lauter Falsches verkauft hätte. Denn also geht es den Menschen, die vom Teufel verführt werden: an allem Teuflischen übertreffen sie noch sogar den Teufel. Auf diese Weise übertraf Nissen Piczenik den Jenö Lakatos aus Budapest. Und alles, was Nissen Piczenik verdiente, trug er gewissenhaft zu Pinkas Warschawsky. Und so sehr hatte der Teufel den Korallenhändler verführt, daß er eine wahre Wollust bei dem Gedanken empfand, daß sein Geld sich vermehre und Zinsen trage.

Da starb plötzlich an einem dieser Tage der Wucherer Pinkas Warschawsky, und Nissen Piczenik erschrak und ging sofort zu den Erben des Wucherers und verlangte

sein Geld mit Zinsen. Er bekam es auch auf der Stelle, nicht weniger als fünftausendvierhundertfünfzig Rubel und sechzig Kopeken. Von diesem Geld bezahlte er seine Schulden an Lakatos, und er forderte noch einmal zwanzig Pud falscher Korallen an. Eines Tages kam der reiche Hopfenbauer zu Nissen Piczenik und verlangte eine Kette aus Korallen für eines seiner Enkelkinder, gegen den bösen Blick.

Der Korallenhändler fädelte ein Kettchen aus lauter falschen, aus Zelluloid-Korallen, zusammen, und er sagte noch: »Dies sind die schönsten Korallen, die ich habe.«

Der Bauer bezahlte den Preis, der für echte Korallen angebracht war, und fuhr in sein Dorf.

Sein Enkelkind starb eine Woche, nachdem man ihm die falschen Korallen um das Hälschen gelegt hatte, einen schrecklichen Erstickungstod, an Diphtherie. Und in dem Dorfe Solowetzk, wo der reiche Hopfenbauer wohnte (aber auch in den umliegenden Dörfern) verbreitete sich die Kunde, daß die Korallen Nissen Piczeniks aus Progrody Unglück und Krankheit brächten – und nicht nur jenen, die bei ihm eingekauft hatten. Denn die Diphtherie begann, in den benachbarten Dörfern zu wüten, sie raffte viele Kinder hinweg, und es verbreitete sich das Gerücht, daß die Korallen Nissen Piczeniks Krankheit und Untergang bringen.

Infolgedessen kamen den Winter über keine Kunden mehr zu Nissen Piczenik. Es war ein harter Winter. Er hatte im November eingesetzt, er dauerte bis zum späten März. Jeder Tag brachte einen unerbittlichen Frost, der Schnee fiel selten, selbst die Raben schienen zu frieren, wie sie so auf den kahlen Ästen der Kastanienbäume hockten. Sehr still war es im Hause Nissen Piczeniks. Er entließ eine Fädlerin nach der anderen. An den Markttagen begegnete er zuweilen dem und jenem seiner alten Kunden. Aber sie grüßten ihn nicht.

Ja, die Bauern, die ihn im Sommer geküßt hatten, taten so, als kennten sie den Korallenhändler nicht mehr.

Es gab Fröste bis zu vierzig Grad. Das Wasser in den Kannen der Wasserträger gefror auf dem Wege vom Brunnen zum Hause. Eine dicke Eisschicht bedeckte die Fensterscheiben Nissen Piczeniks, so daß er nicht mehr sah, was auf der Straße vorging. Große und schwere Eiszapfen hingen an den Stäben der Eisengitter und verdichteten die Fenster noch mehr. Und da kein Kunde mehr zu Nissen Piczenik kam, gab er daran nicht etwa den falschen Korallen die Schuld, sondern dem strengen Winter. Indessen war der Laden des Herrn Lakatos in Sutschky immer überfüllt. Und bei ihm kauften die Bauern die tadellosen und billigen Korallen aus Zelluloid und nicht die echten bei Nissen Piczenik.

Vereist und glatt wie Spiegel waren die Straßen und Gassen des Städtchens Progrody. Alle Einwohner tasteten ihre Wege entlang mit eisenbeschlagenen Stöcken. Dennoch stürzten so manche und brachen Hals und Bein.

Eines Abends stürzte auch die Frau Nissen Piczeniks. Sie blieb lange bewußtlos liegen, ehe sie mitleidige Nachbarn aufhoben und ins Haus trugen.

Sie begann bald, sich heftig zu erbrechen, der Feldscher von Progrody sagte, es sei eine Gehirnerschütterung.

Man brachte die Frau ins Spital, und der Doktor bestätigte die Diagnose des Feldschers.

Der Korallenhändler ging jeden Morgen ins Krankenhaus. Er setzte sich an das Bett seiner Frau, hörte eine halbe Stunde ihre wirren Reden, sah in ihre fiebrigen Augen, auf ihr spärliches Kopfhaar, erinnerte sich an die paar zärtlichen Stunden, die er ihr geschenkt hatte, roch den scharfen Duft von Kampfer und Jodoform und kehrte wieder heim und stellte sich selbst an den Herd und kochte Borschtsch und Kascha und schnitt sich selbst das Brot und schabte sich selbst den Rettich und kochte sich selbst den Tee und heizte selbst den Ofen. Dann schüttete er auf einen seiner vier Tische alle Korallen aus den vielen Säckchen und begann, sie zu sortieren. Die Zelluloid-Korallen des Herrn Lakatos lagen gesondert im Schrank. Die echten Korallen erschienen

Nissen Piczenik längst nicht mehr wie lebendige Tiere. Seitdem dieser Lakatos in die Gegend gekommen war und er selbst, der Korallenhändler Piczenik, die leichten Dinge aus Zelluloid unter die schweren und echten Steine zu mischen begonnen hatte, waren die Korallen, die in seinem Hause lagerten, erstorben. Jetzt machte man Korallen aus Zelluloid! Aus einem toten Material machte man Korallen, die aussehen wie lebendige und noch schöner und vollkommener waren als echte und lebendige! Was war, damit verglichen, die Gehirnerschütterung der Frau?

Acht Tage später starb sie, infolge der Gehirnerschütterung, gewiß! Aber nicht mit Unrecht sagte sich Nissen Piczenik, daß seine Frau nicht an der Gehirnerschütterung allein gestorben war, sondern auch, weil ihr Leben von dem Leben keines andern Menschen auf dieser Welt abhängig gewesen war. Kein Mensch hatte gewünscht, daß sie am Leben bleibe, und also war sie auch gestorben.

Nun war der Korallenhändler Nissen Piczenik Witwer. Er betrauerte die Frau in vorgeschriebener Weise. Er kaufte ihr einen der dauerhaftesten Grabsteine und ließ ehrende Worte in diesen einmeißeln. Und er sprach morgens und abends das Totengebet für sie. Aber er vermißte sie keineswegs. Essen und Tee bereiten konnte er selber. Einsam

fühlte er sich nicht, sobald er mit den Korallen allein war. Und ihn bekümmerte lediglich die Tatsache, daß er sie verraten hatte, an die falschen Schwestern, die Korallen aus Zelluloid, und sich selbst an den Händler Lakatos.

Er sehnte sich nach dem Frühling. Und als er endlich kam, erkannte Nissen Piczenik, daß er sich umsonst nach ihm gesehnt hatte. Sonst pflegten, jedes Jahr, noch vor Ostern, wenn die Eiszapfen um die Mittagsstunde zu schmelzen begannen, die Kunden in knarrenden Wägelchen oder in klingelnden Schlitten zu kommen. Für Ostern brauchten sie Korallen. Nun aber war der Frühling da, immer wärmer brütete die Sonne, jeden Tag wurden die Eiszapfen an den Dächern kürzer und die schmelzenden Schneehaufen am Straßenrand kleiner – – und keine Kunden kamen zu Nissen Piczenik. In seinem Schrank aus Eichenholz, in seinem fahrbaren Koffer, der, mächtig und mit eisernen Gurten versehen, neben dem Ofen auf seinen vier Rädern stand, lagen die edelsten Korallen in Haufen, Bündeln und Schnüren. Aber kein Kunde kam. Es wurde immer wärmer, der Schnee verschwand, der linde Regen regnete, die Veilchen in den Wäldern sprossen, und in den Sümpfen quakten die Frösche: aber kein Kunde kam.

Um diese Zeit bemerkte man auch zum erstenmal in Prorody eine gewisse merkwürdige Veränderung im

Wesen und Charakter Nissen Piczeniks. Ja, zum erstenmal begannen die Einwohner von Progrody zu vermuten, daß der Korallenhändler ein Sonderbarer sei, ein Sonderling sogar – und manche verloren den hergebrachten Respekt vor ihm, und manche lachten ihn sogar öffentlich aus. Viele gute Leute von Progrody sagten nicht mehr: Hier geht der Korallenhändler vorbei – – sondern sie sagten einfach: Nissen Piczenik geht eben vorbei – er war ein großer Korallenhändler.

Er selbst war daran schuld. Denn er benahm sich keineswegs so, wie es die Gesetze und die Würde der Trauer einem Witwer vorschreiben. Hatte man ihm noch seine sonderbare Freundschaft für den Matrosen Komrower nachgesehen und den Besuch in der berühmten Schenke Podgorzews, so konnte man doch nicht, ohne weiterhin schwersten Verdacht gegen ihn zu schöpfen, seine Besuche in jener Schenke zur Kenntnis nehmen. Denn, jeden Tag beinahe seit dem Tode seiner Frau ging Nissen Piczenik in die Schenke Podgorzews. Er begann, Met mit Leidenschaft zu trinken. Und da ihm mit der Zeit der Met zu süß erschien, ließ er sich noch einen Wodka beimischen. Manchmal setzte sich eines der leichtfertigen Mädchen neben ihn. Und er, der nie in seinem Leben eine andere Frau gekannt hatte als seine nunmehr tote Ehefrau, er, der niemals eine andere

Lust gekannt hatte als die, seine wirklichen Frauen, nämlich die Korallen, zu liebkosen, zu sortieren und zu fädeln, er fühlte sich manchmal in der wüsten Schenke Podgorzews anheimgefallen dem billigen weißen Fleisch der Weiber, seinem eigenen Blut, das der Würde seiner bürgerlichen und geachteten Existenz spottete, und der großartigen heißen Vergessenheit, die die Leiber der Mädchen ausströmten. Und er trank, und er liebkostete die Mädchen, die neben ihm saßen, zuweilen sich auch auf seinen Schoß setzten. Wollust empfand er, die gleiche Wollust wie etwa beim Spiel mit seinen Korallen. Und mit seinen starken, rotbehaarten Fingern tastete er, weniger geschickt, sogar lächerlich unbeholfen, nach den Brustwarzen der Mädchen, die so rot waren wie manche Korallen. Und er verfiel – wie man zu sagen pflegt – schnell, immer schneller, von Tag zu Tag beinahe. Er fühlte es selbst. Sein Gesicht wurde magerer, sein hagerer Rücken krümmte sich, Rock und Stiefel putzte er nicht mehr, den Bart strahlte er nicht mehr. Mechanisch verrichtete er jeden Morgen und Abend seine Gebete. Er fühlte es selbst: er war nicht mehr der Korallenhändler schlechthin, er war Nissen Piczenik, einst ein großer Korallenhändler.

Er spürte, daß er noch ein Jahr, noch ein halbes Jahr später, zum Gespött des Städtchens werden mußte – und

was ging es ihn eigentlich an? Nicht Progrody, der Ozean war seine Heimat.

Also faßte er eines Tages den tödlichen Entschluß seines Lebens.

Vorher aber machte er sich eines Tages nach Sutschky auf – und siehe da: im Laden des Jenö Lakatos aus Budapest sah er alle seine alten Kunden, und sie lauschten den grölenden Liedern des Phonographen andächtig, und sie kauften Zelluloid-Korallen, zu fünfzig Kopeken die Kette.

»Nun, was habe ich Ihnen vor einem Jahr gesagt?« – rief Lakatos Nissen Piczenik zu. – »Wollen Sie noch zehn Pud, zwanzig, dreißig?«

Nissen Piczenik sagte: »Ich will keine falschen Korallen mehr. Ich, was mich betrifft, *ich* handle nur mit echten.«

VIII

Und er fuhr heim, nach Prorody, und ging in aller Stille und Heimlichkeit zu Benjamin Broczyner, der ein Reisebüro unterhielt und mit Schiffskarten für Auswanderer handelte. Es waren vor allem Deserteure und ganz arme Juden, die nach Kanada und Amerika auswandern mußten und von denen Broczyner lebte. Er verwaltete in Prorody die Vertretung einer Hamburger Schiffahrtsgesellschaft.

»Ich will nach Kanada fahren!« – sagte der Korallenhändler Nissen Piczenik – »und zwar so bald wie möglich.«

»Das nächste Schiff heißt ›Phönix‹ und geht in vierzehn Tagen von Hamburg ab. Bis dahin verschaffen wir Ihnen die Papiere« – sagte Broczyner.

»Gut, gut!« – erwiderte Piczenik. – »Sagen Sie niemandem etwas davon.«

Und er ging nach Hause und packte alle Korallen, die echten, in seinen fahrbaren Koffer.

Die Zelluloid-Korallen aber legte er auf das kupferne Untergestell des Samowars, zündete sie an und sah zu, wie sie bläulich und stinkend verbrannten. Es dauerte lange, mehr als fünfzehn Pud falscher Korallen waren es. Es gab dann einen gewaltigen Haufen schwarzgrauer geringelter Asche. Und um die Petroleumlampe in der Mitte des Zimmers schlängelte und ringelte sich der graublaue Rauch des Zelluloids.

Dies war der Abschied Nissen Piczeniks von seiner Heimat.

Am einundzwanzigsten April bestieg er in Hamburg den Dampfer »Phönix« als ein Zwischendeckpassagier.

Vier Tage war das Schiff unterwegs, als die Katastrophe kam: vielleicht erinnern sich noch manche daran.

Mehr als zweihundert Passagiere gingen mit der »Phönix« unter. Sie ertranken natürlich.

Was aber Nissen Piczenik betrifft, der ebenfalls damals unterging, so kann man nicht sagen, er sei einfach ertrunken wie die anderen. Er war vielmehr – dies kann man mit gutem Gewissen erzählen – zu den Korallen heimgekehrt, auf den Grund des Ozeans, wo der gewaltige Leviathan sich ringelt.

Und wollen wir dem Bericht eines Mannes glauben, der durch ein Wunder – wie man zu sagen pflegt – damals dem Tode entging, so müssen wir mitteilen, daß sich Nissen Piczenik lange noch, bevor die Rettungsboote gefüllt waren,

über Bord ins Wasser stürzte zu seinen Korallen, zu seinen echten Korallen.

Was mich betrifft, so glaube ich es gerne. Denn ich habe Nissen Piczenik gekannt, und ich bürgte dafür, daß er zu den Korallen gehört hat und daß der Grund des Ozeans seine einzige Heimat war.

Möge er dort in Frieden ruhn neben dem Leviathan bis zur Ankunft des Messias.

O LEVIATÃ

O Leviatã	3	Der Leviathan	69
I	5	I	71
II	17	II	83
III	20	III	86
IV	30	IV	97
V	37	V	104
VI	46	VI	113
VII	52	VII	119
VIII	62	VIII	129
Literatura Livre			133
Ficha t3cnica			140

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração regional no
Estado de São Paulo**

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

R845 Roth, Joseph (1894-1939)
O Leviatã / Joseph Roth. Tradução de Luiz Krausz. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 146 p.; Il.
Disponível em:
<https://mojo.org.br>
<https://literaturalivre.sescsp.org.br>

Título Original: Der Leviathan (1938). Edição bilingue Português / Alemão.

ISBN 978-85-455108-4-0

1. Literatura Alemã. 2. Novela. 3. Literatura Austríaca. I. Título. II. Série. III. Krausz, Luiz, Tradutor. III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre.

CDU 821.112.3

CDD 830-3

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Gutenberg Project:

<https://gutenberg.spiegel.de/buch/die-legende-vom-heiligen-trinker-und-andere-erzahlungen-4265/5>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>

